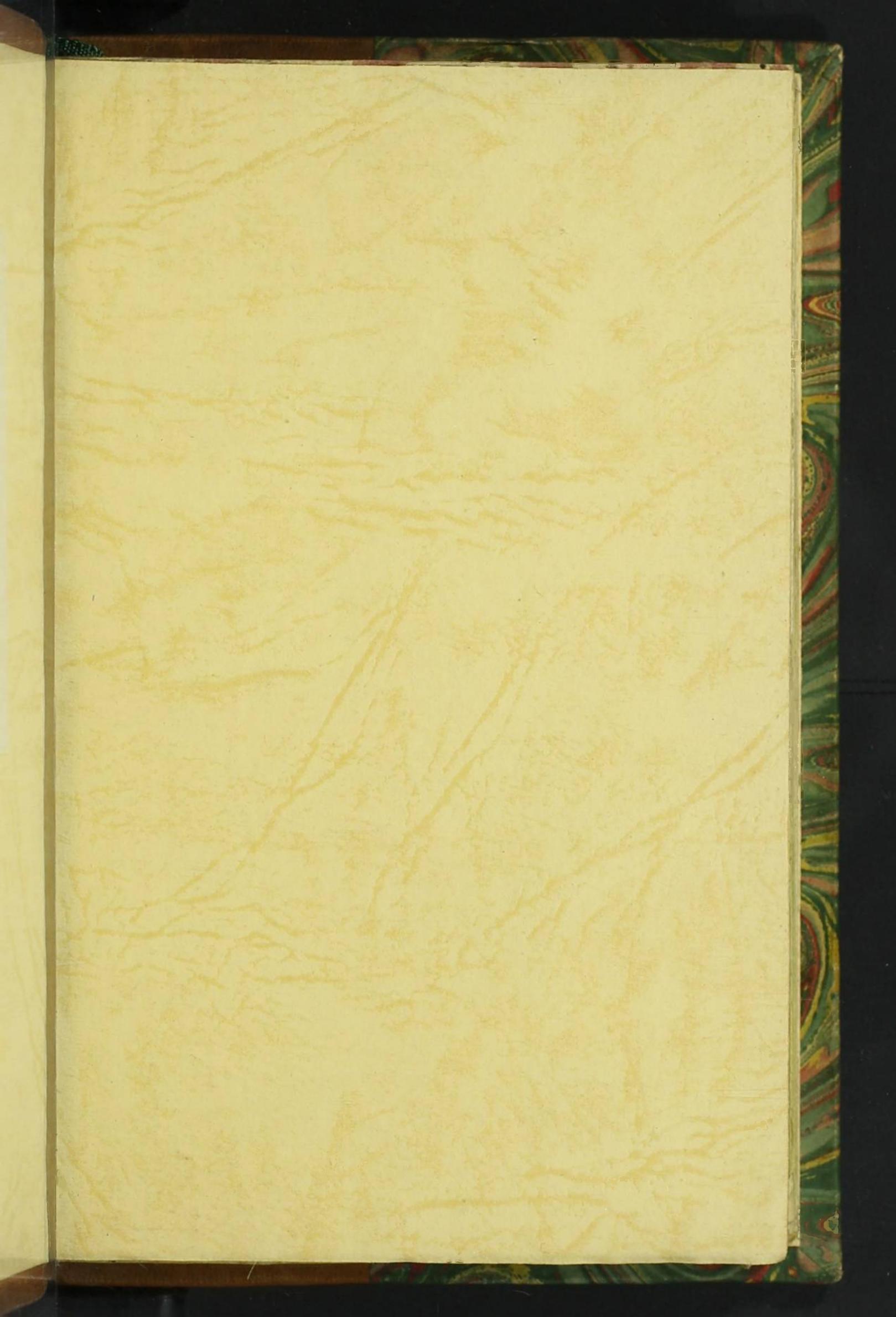
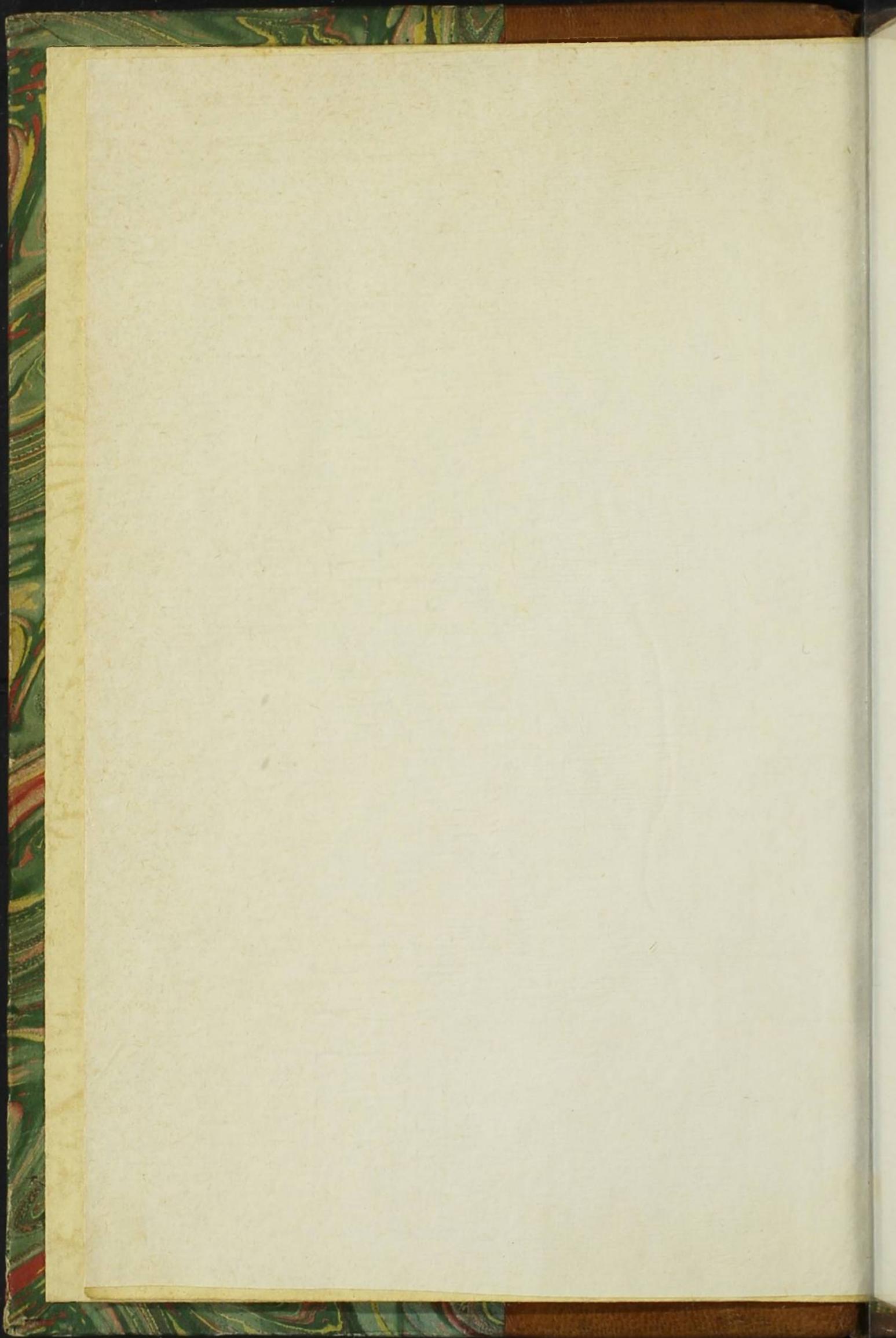


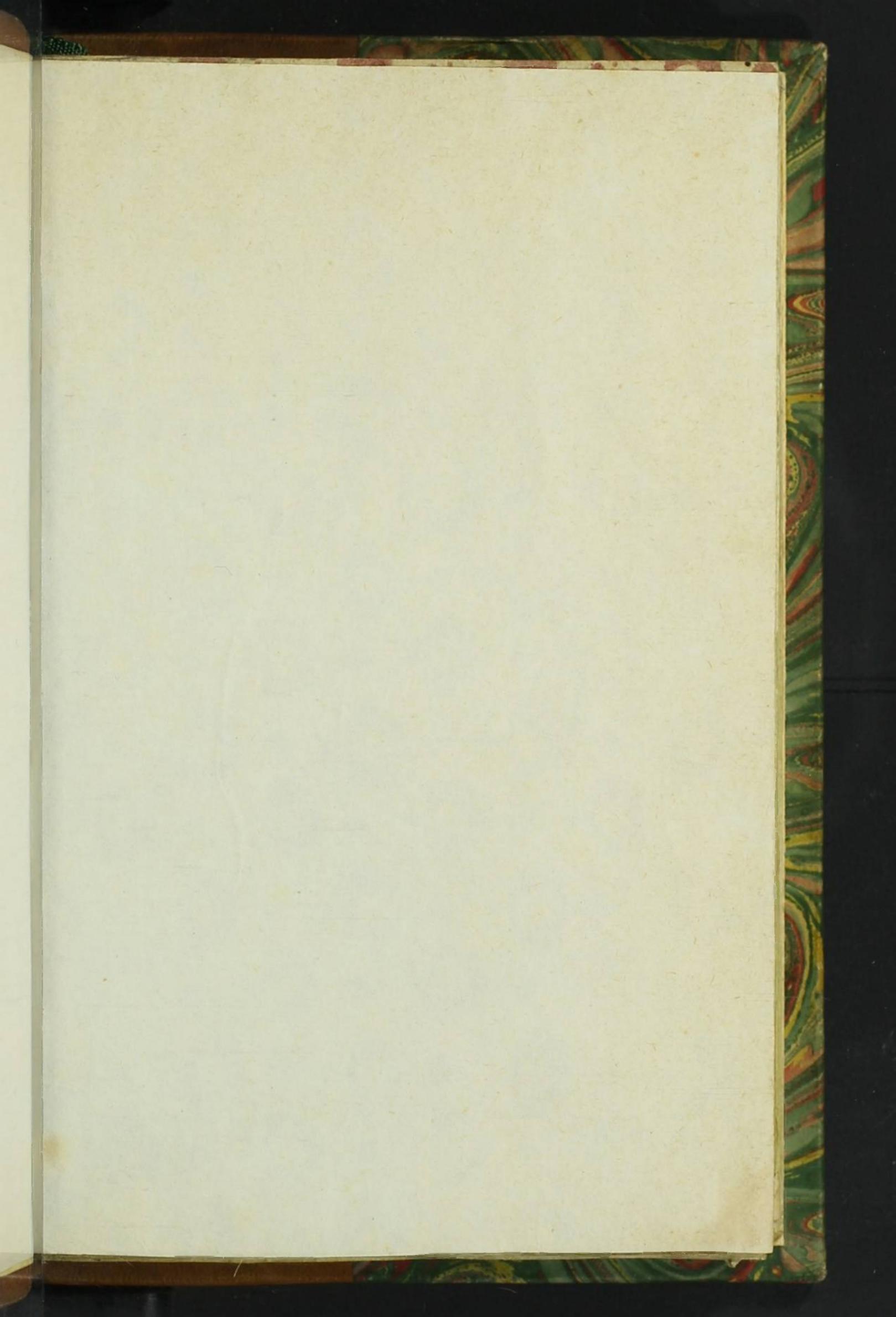
le ne fay rien
sans
Gayeté

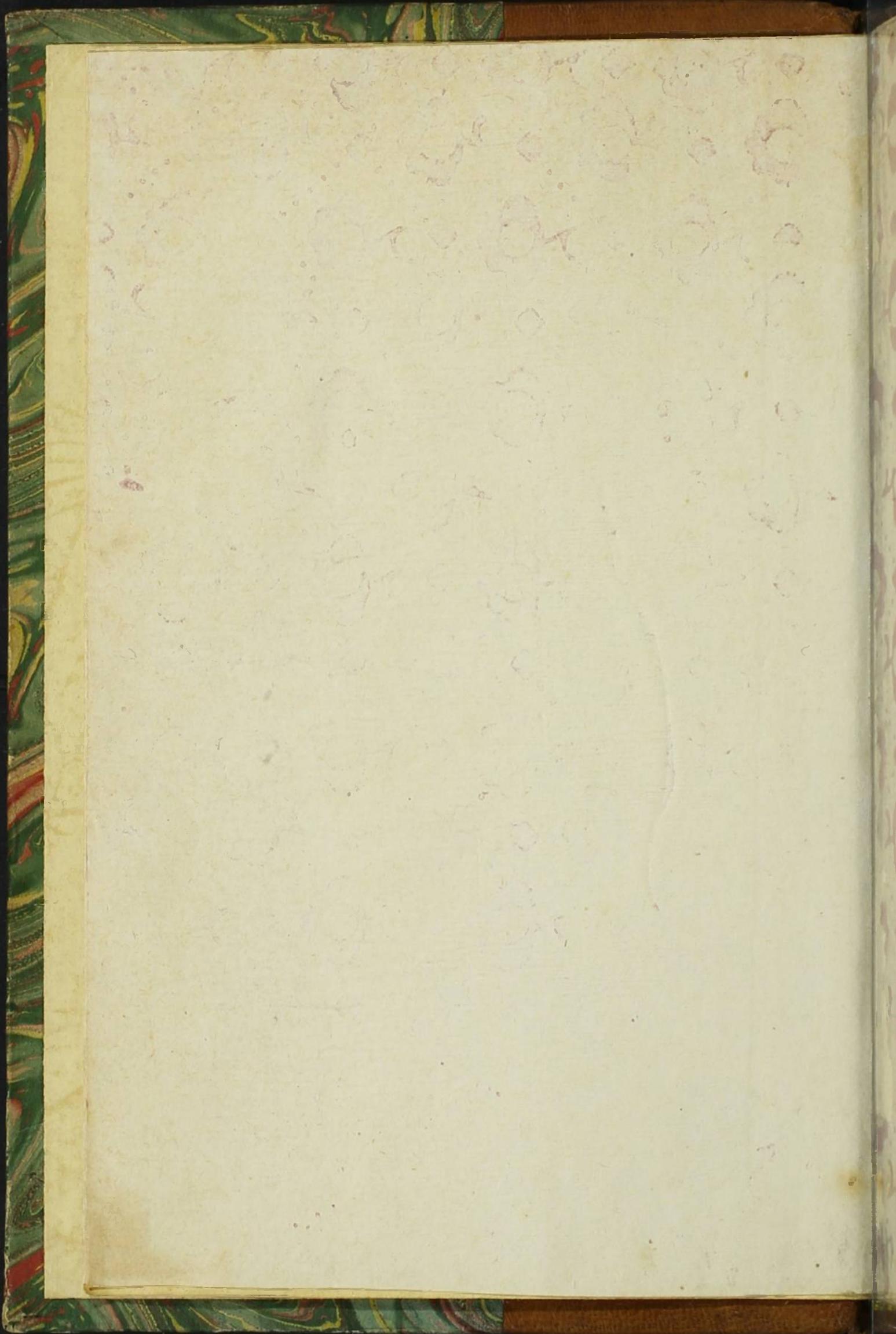
(Montaigne, Des livres)

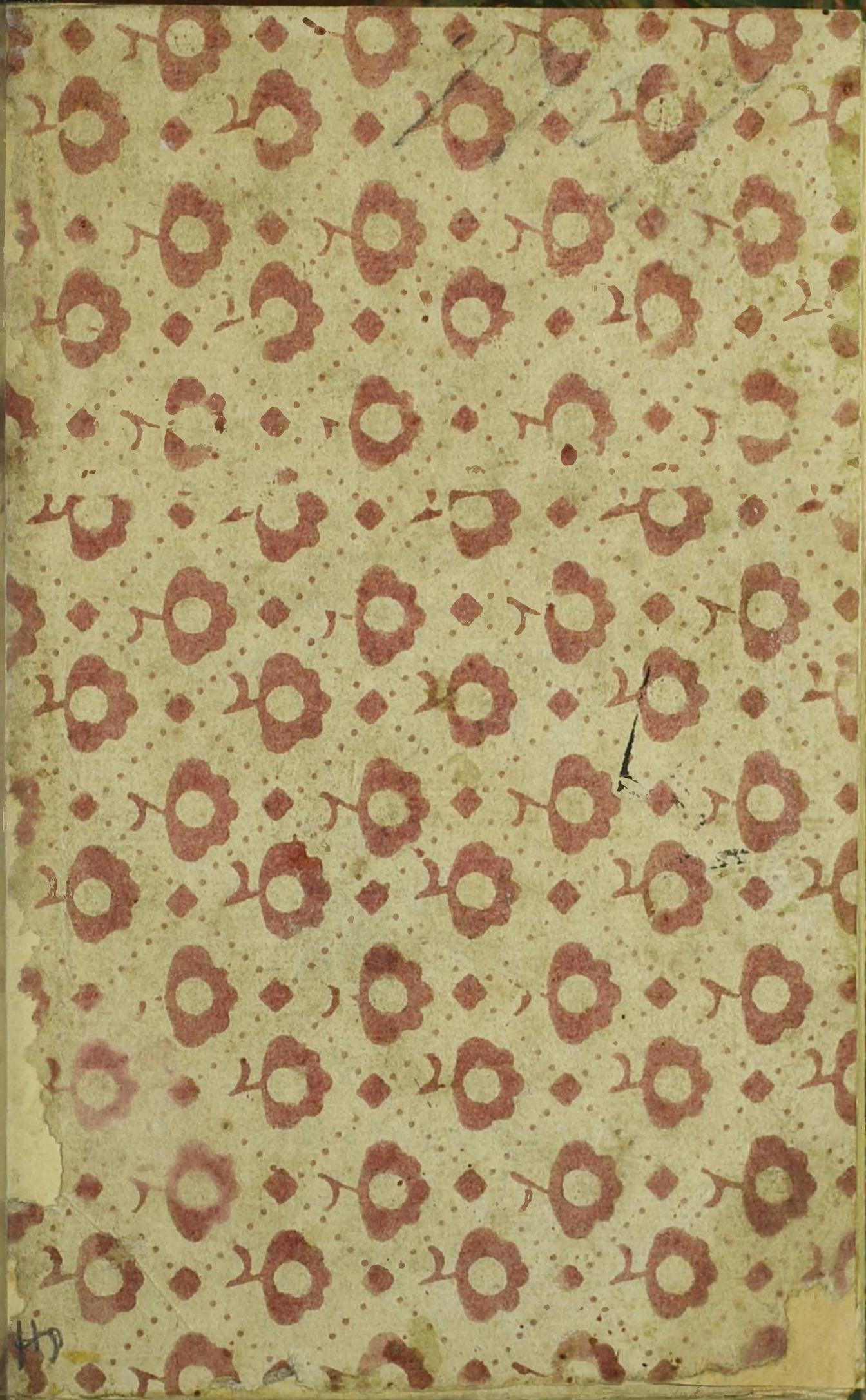
Ex Libris
José Mindlin











BORR B

20 W 1/2

1/2 23 5

A T 10 V

RODRI B U A S

OBRAS POETICAS,

QUE

DEBAIXO DOS AUSPICIOS

DO

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} SENHOR

BERNARDO JOSÉ DE LORENA

CONDE DAS SARZEDAS, DO CONSELHO DE
S. A. R. NOMEADO VICE-REI, E CAPITÃO
GENERAL DE MAR, E TERRA DO ESTADO
DA INDIA, ETC. ETC. ETC.

MANDA AO PUBLICO

MANOEL JOAQUIM RIBEIRO,

PROFESSOR REGIO DE FILOSOFIA EM
LINAS GERAES.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. V.

Por Ordem Superior.

*Sem as Musas o Heroe dura bem pouco:
Por muito que fizesse, as negras sombras
Da morte, o nome seu, e a sua historia
Envolvem logo. Em vão por eximir-se
Das trévas do sepulchro, vinte vezes
Toda a Troya enlutou Achilles fero:
Debalde Eneas contrastando os ventos
Passou d'Hisderia ás margens patria, e Dense;
Sem versos, os seus nomes espargidos
Há mil annos serião esquecidos.*

BOULEAU.

DEDICATORIA.

A O grande, alto Lorena,
Só aureos versos dedicar se devem.
Minha rasteira Musa,
Por mais que soltas expandeça as azas,
Não deve alçar ousada
Soberbos vôos, que ruinosa queda
Avaros lhe preparem.
Versos de Horacio, versos de Virgilio,
De Camões, e de Tasso,
Seu grande Nome que cem bocas cantão
Na trompa sonora,
Elles só podem ser-lhe consagrados
Em magestosa off'renda.
A minha lyra do campestre ensaio
Apenas adornada,
Versos que Horacio, e Pindaro fabricão
Com insolito fogo,

Nem sabe, nem tem vôo, que a tão alto
Remontalla se atrevão.

Humilde Avena, que nos campos sôa,
Talvez desafinada,

Como pôde subir com força ingente
A esses globosos Astros,

Dos célebres Heróes sublime asylo?

De terra, e pó cobertos,
Languidos versos sepultados fiquem,

Mil vezes eu dizia,

Não devo expôr-vos aos fataes ataques
Da rigida censura.

Eis que tu, qual brilhante astro que espalha
As densas, vagas nuvens,

Tu famoso Lorena, tu chegando
A governar as Minas,

Alongaste de mim todo o receio,
Que pávido me tinha.

Teu docil coração, tua alma nobre,
Teu compassivo genio,

Teu benéfico obrar, tua conducta,
Gratas Virtudes bellas,

Filhas do Ceo, de ti Senhor herdadas,
As pezadas algemas,

Que o mêdo havia sobre mim lançado,
Por terra as vi desfeitas,
Logo que apenas teus egregios dotes
Brilhar se devisarão.
Timidos esquadrões de frios sustos,
Que em torno me cercavão,
Longe se vem d'afortunada terra,
Que tu Lorena reges.
E's Nume Tutelar, Senhor augusto,
E's, excelso Bernardo,
Imitador dos Deoses, quando amparas
Os pobres, desvalidos.
Digno dos versos do cantor de Troya,
Do singular Homero,
Os meus só buscão protecção, que os livre
De rigorosa morte.
Teu alto Nome, á sua frente posto,
Dos Zoilos mordedores,
Do mesmo Tempo, que destroça tudo,
Ficarão sempre illesos.
Se Lorena, meus versos, vos protege:
Com respeito profundo.
Podeis livres vagar por todo o Mundo.

PROLOGO.

NÃO ha persentemente cousa que mais desdoire, e desacredite, que o fazer versos. Que erro! Semeado este abuso no meio de hum povo que não pensa, e tendo á testa patronos da primeira Ordem, que arrogarão a si o nome de illustrados, tem progressivamente avultado entre muitas Nações, que geralmente contemplão a hum Compositor de versos, como a hum louco, que se deixa arrebatado de hum furor estranho, e a quem o juizo, desvairando-se além da esfera, em que devia conter-se, ... semelhante ao baixel quando luta incerto no meio de huma furiosa tempestade, ... ora se precipita, ora se remonta, sem encontrar aquella serenidade, que agradavelmente possuem esses Sabios de perspectiva, que tão affincadamente perseguem, e declamão contra este divino, e celeste influxo. Ex-

cluidos pela natureza da maravilhosa luz, que brilha nos Espiritos favorecidos pelo entusiasmo poetico, não podem ver de bom agrado, que resplandeção nos demais propriedades, que lhe forão denegadas; e conjurando-se, por esse mesmo motivo, contra o que vai ferir o seu amor proprio, e a sua vaidade, levantão a tremenda voz da maledicencia, e trabalhão a todo o custo por denegrir, e aviltar a mais sublime prenda, que tem baixado dos Ceos ao entendimento dos mortaes. Quem nos transmittiria as gloriosas façanhas executadas em Troya pelos Herões da Grecia, senão tivesse existido o incomparavel Homero? Quem fez immortaes, e célebres aos Reinados de Augusto, e de Luiz XIV. da França? senão esses grandes Genios, que, erguendo-se acima de si mesmos, os forão collocar no indestructivel templo da Memoria? Quem ouve fallar em Tibullo, Ovidio, Horacio, Virgilio, Voltaire, Racine .. e não admira com assombro as prodigiosas composições destes sublimes filhos de Apolo? A Poesia, assim como a Musica, são a voz da natureza elevada ao su-

blime gráo dos seus encantos. O Pastor conduzindo o gado, e o barqueiro forçando o remo; o Cidadão no meio do brilhante apparatus que o circunda, e o Lavrador no rustico exercicio dos campos que agricultura, todos justificão, por certas cantilenas subministradas para desafogo, que he a natureza quem lhes inspira. Poetisar porém com arte, e com abundancia; dar hum elasterio mais forte aos vôos do seu entusiasmo; remontar a sua alma por huns transportes de fogo, e de imaginação, . . . este he hum dom mais particular, e que a natureza, tão facil em multiplicar os entes, difficillimamente liberaliza. Prouvéra aos Ceos! que os versos, que eu tenho a gloria de dedicar ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Bernardo José de Lorena, Conde das Sarzedas, meu benéfico, e grandioso Protector, fossem dotados dessa sublime energia, que os sobreexcede ao tempo, e os arremeça á eternidade. Levados então nos vôos do meu desejo, eu os veria, cheio de jubilo, affoitamente vagarem por todos os paizes do Universo; pregoarem por toda a parte o seu Augusto Nome; e depois de darem a conhecer o

meu Heróe com todos os brilhantes predicados, que realmente o caracterizão, ver-lhe-hia erigir hum monumento, que perpetuasse, (a pezar dos seculos, a sua immortal memoria. A minha esperança não será inteiramente infructuosa. A gratidão, que me anima, ajudará a construir-lhe o padrão, que trabalho por levantar-lhe. E surdo aos insultos dos que moteirão o fazer versos, terei por huma grande ventura, que possão os meus dar a conhecer ao Universo algumas das eminentes virtudes, que servem de adorno ao meu incomparavel Protector.

* * * * *

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Bernardo José de Lorena, estando General na Capitania de Minas Geraes.

S O N E T O I.

DE bronze, ou de oiro estatuas não levanto
 Em firme pedestal, em base de aço,
 Não prendo aos meus Heroes, voar os faço
 Nas leves azas do meu alto canto:

De gloria os cinjo, e como por encanto
 Os conduzo a girar do mundo o espaço,
 Sou qual Milton, Camões, e qual foi Tasso,
 Meu estro, e meu poder me eleva a tanto:

Tu serás meu Heróe, Lorena augusto,
 Té onde esparge o Sol seus aureos lumes
 Te erguerei no meu canto eterno busto:

Dos mesmos Astros levar-te-hei aos cumes,
 E então, Senhor, verás que a pouco custo,
 Sou mais que estatuario, iguaillo aos Numes.

SONETO II.

Ao mesmo.

Em quanto a afflicta Europa ensanguentada
Vê da Discordia a desgrenhada coma,
Em quanto a Guerra em toda a parte assoma
De horrores, e traições acompanhada:

Em quanto sobre o carro a Morte alada
Falanges numerosas vence, e dóma,
Em quanto os seguidores de Mafoma,
E os Russos vão fazer na França entrada:

Portugal sobre as armas encostado,
De Veriato cercando a sepultura,
Cedo espera de o ver resuscitado:

Mas em quanto na Europa a Guerra dura,
Se cuida Portugal em estar armado,
Lorena cuida em ser nossa ventura.

SONETO III.

Ao mesmo

Quando pelo Destino foi guiado
Para ser nosso bem, Lorena Augusto,
A seus pés se curvou o Tempo adusto,
A negra sorte, o desomano Fado:

De candidas Virtudes rodeado
Nelle hum Heróe veremos sabio, e justo;
A Paz doirada, com bem pouco custo,
Obediente andar á sempre a seu lado:

Ditosa Minas, terra afortunada,
Em Lorena, te deo o Ceo clemente
A ventura, de todos suspirada:

Os annos de Nestor viva contente;
E o Nome de Lorena, a Fama alada
O conte com assombro a toda a gente.

SONETO IV.

Ao mesmo.

Coberta Minas de luctuosa pena,
Agrilhoada arrastrava mágoa ingente,
Apiedou-se de a ver o Ceo clemente
Lutar anciada em tão infausta scena:

Na grande Elisea, que nascesse ordena,
Do tronco dos Heróes, ramo florente,
Que algum dia soubesse doutamente
Em Minas derramar a Paz amena:

O Tempo já chegou, Tempo doirado,
He Lorena esse Heróe, dádiva pura
A'afflicta Minas lá do Ceo mandado:

Nada ha mais que temer, foi-se a amargura;
Em Lorena encontramos todo o agrado,
De Lorena nos vem nossa ventura.

S O N E T O V.

Ao mesmo.

Embora a torpe, denegrada Inveja,
Ufana mostre anavalhado dente,
Embora estulta remorder intente,
Quanto a Virtude lá do Ceo bafeja.

Embora a féra n'outra terra veja
Sua boca inundar sangue innocente,
Embora entone a presunçosa frente,
Quando furiosa contra nós braveja;

Nada me aterra, nada me intimida,
Por mais que de Proteu tome a figura,
Por mais que se apresente embravecida:

Se nosso bem, Lorena, nos procura,
A seu pezar conheça a fementida,
De Lorena nos vem nossa ventura.

SONETO VI.

Ao mesmo.

Lá donde a Aurora derramar costuma
O doce orvalho na doirada taça,
Lá donde ostenta vencedora graça
A Deosa Paphia que nasceo da espuma :

Lá donde Ulisses fabricou a suma,
Alta Lisboa, por onde o Téjo passa,
Lá donde Luso com prazer abraça
A paz de Tito, o legislar de Numa :

Nossa ventura quiz, alto Lorena,
Que para Atlante das sagradas Quinas,
Viesses ao mundo lá na Elisea amena :

Cheio agora de graças peregrinas
Que venhas ser, o mesmo Ceo o ordenã,
O Pai da Patria, o Protector de Minas.

S O N E T O VII.

Ao mesmo.

As rédeas toma o inclito Lorena,
 A Paz nos baixa da Justiça ao lado,
 Geme a Maldade no grilhão pezado
 Victima digna da mais dura pena:

A sábia dextra, que o castigo ordena,
 Longe afogenta todo o monstro irado,
 Da sagrada Virtude acompanhado
 As rédeas toma o inclito Lorena:

A nuvem do terror ao criminoso
 Entre as brenhas persegue, e nas campinas,
 Té que vindo a seus pés he venturoso:

Com governo feliz de acções tão dinas,
 Melhora sua Sorte o desditoso,
 Exulta alegre a afortunada Minas.

S O N E T O VIII.

Ao mesmo.

Tres vezes resultou de dor bramando
Tortuosa serpe n'Avernal morada,
Outras tantas batendo a escama aláda,
Dos negros boqueirões rompeo silvando:

Sobre a terra velóz mil saltos dando
Audaz encólla sua fauce irada,
Vendo de Jorge novamente obrada
Imagem sacra, de Lorena ao mundo:

Culto recente, quando vê tributa
Vindoirá próle das sagradas Quinas,
Raivosa freme, e se remorde a bruta:

Mas bem que avista procissões Divinas,
Lança-se a serpe na Tartaria gruta,
Exulta alegre a afortunada Minas.

S O N E T O IX.

Ao mesmo.

Vi Astrea baixar do throno ingente,
 E a Lorena incumbir do seu officio,
 Vi logo arrastrando, o negro Vicio,
 Pôr junto de seus pés férrea corrente:

Vi no Templo da gloria a chumma ardente,
 Que subia de grato sacrificio,
 Vi a sagrada Paz no exercicio
 De honrar-lhe o Nome, de cingir-lhe a frente:

Vi Minas de prazer toda adornada,
 Queimar gostosa Nabateos perfumes
 Nas áras da Ventura suspirada:

Vi em fim a Lorena entre mil lumes
 Sustentar a balança equilibrada
 No meio mesmo dos celestes Numes:

SONETO X.

*Ao mesmo.**No faustoso dia dos seus annos.*

Amor, e Marte de furor raivando,
 Cruel duéllo cada qual jurava,
 O fogo a Amor nos olhos scintilava,
 Marte se ouvia a murmurar bramando:

Amor andava as setas apromptando,
 Que em benéficas hervas mergulhava,
 Na tenda de Vulcano Marte entrava,
 Onde armas novas se lhe estão forjando:

Eis que a Idália gentil logo apparece,
 E trazendo a seu lado a Paz serena,
 Lhe diz ó Numes! a discordia cesse:

Neste dia sagrado a Sorte ordena,
 Que por vós ambos eu cantar fizesse
 Os aureos annos, do immortai Lorena.

S O N E T O XI.

*Na occasião de hum sumptuoso banquete, que
deu o seu Ajudante de Ordens o Senhor Fran-
cisco Antonio Rebello, Coronel da primeira
Plana da Corte.*

Os costumes, e leis inveteradas
De tantos povos, e nações seguidas,
Nunca, Rebello, devem ser banidas,
Por mais que nos pareçam mal fundadas:

De bellezas sem conto acompanhadas,
Tambem Virtudes a si tem unidas;
Nas terras mais civis, e mais polidas,
Se conservão em marmores gravadas:

Bem hajas se tu foste, alto Lorena,
Quem lembrou estas leis tão excellentes
Para Rebello nos pôr hoje em scena:

Os gostos brinquem junto a ti contentes,
Em quanto eu vou cantar ao som d'Ávena
Os dias consagrados ás patentes.

S O N E T O XII.

*Na infausta, e sensível morte da Illustrissima
e Excellentissima Senhora D. Maria Ignacia
da Silveira, augusta Mãe do Illustrissimo
e Excellentissimo Senhor Bernardo José de
Lorena.*

De átro fumo cruel que o Averno cria
Em grossa nuvem se elevou a Morte,
E depois de vagar do Sul, ao Norte,
Sobre a grande Lisboa em fim pendia:

Frio terror em todos difundia
D'alçada fouce o ensanguentado córte;
As aguas apressou, correo mais forte,
O mesmo Téjo que assustado a via:

Tendo o aspecto de raiva convulsivo,
Ao vento solta a hórrida melena,
Olhava a Morte com olhar noscivo:

Rasga-se a nuvem, bem que a Parca o ordena,
E eis sem dó descarrega o golpe activo
Na Mãe augusta do sem par Lorena.

Tendimus huc omnes metam properamus ad unam
Omnia sub leges, more vocat atra suas.

Ovid ad Liviam.

S O N E T O XIII.

A' mesma.

Chorai, Nynfas do Téjo crystallino,
 Chorai a morte de Marilia amada,
 Chorai aquella que nos foi roubada
 Pelas leis duras do cruel destino:

Seu meigo riso, seu olhar beni'no,
 Sua graça de todos suspirada,
 A Morte nos roubou desapiedada
 No fatal golpe de seu braço indi'no:

Chora, Lisboa, e com amargo pranto
 O tronco vai banhar, que o luto veste,
 Se a dor te deixa, s'inda pódes tanto:

Nós as frentes cingindo de Cypreste,
 Choremos sem cessar, Marilia, em quanto
 Não vamos vella na região celeste.

SONETO XIV.

A' mesma.

Vôa, alma pura, na celeste estancia
 Colher os fructos da Virtude bella,
 Alli pronta acharás huma capella
 D'infinito valor, d'igual fragrancia:

Vai, goza a par dos Anjos a constancia
 Que tiveste dos males na procella;
 Viver no Summo Bem que te aquartella,
 Vôa, alma pura, na celeste estancia:

Solta do pó que em torno te enlaçava,
 Vôa, alma venturosa, vai na gloria,
 O premio receber que te esperava:

Deixa contente a vida transitoria,
 Tu ficas entre nós em quem te amava,
 Se he eterna dos Justos a memoria.

S O N E T O X V .

*Ao Senhor João Ferreira de Oliveira Bueno,
Conego em S. Paulo, visitando em Minas
ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ber-
nardo José de Lorena.*

Se nas azas da candida Amizade
Tu, Ferreira, deixando os patrios lares,
Alegre corres outros novos ares
Seguido da Candura, e Ingenuidade:

Se alçado ao Templo da immortal Deidade,
Postos de parte teus fataes pezares,
Bejas devoto os lúcidos altares,
Em que a victima offertas da saudade:

Hoje no alcaçar da sem par ventura,
Embraçando a alegria doce, e amena,
Desfructa d'Amizade a face pura:

Ao Ceo piedoso que hum tal bem te ordena,
As graças rende por te dar segura,
A amavel companhia de Lorena.

S O N E T O XVI.

*Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor
D. Fr. Cypriano de S. José, Bispo de
Mariana.*

Se no tempo dos Juizes de Israel,
Por graça especial que fez o Ceo,
Para consolação do Povo Hebreo
Lhe foi dado o Profeta Samuel :

Se ornado de Virtudes como Abel,
De Heli no sacerdocio succedeo,
E se contra o poder do Felistêo
Livrou a terra, que dá leite, e mel:

Tu, Cypriano, lhe és a elle igual:
Verá Minas em ti resplandecer
As pedras do sagrado Racional:

De gloria se acompanha o teu poder;
Sentado na Cadeira Episcopal,
E's novo Samuel, nosso prazer,

S O N E T O X V I I .

*Na apressada, e immatura morte do Eacharel
José Pereira Ribeiro.*

Por impulsos crueis da Sorte irada
A parca aterradora o ar fendia,
E na dextra, que sangue inda vertia,
Tyranna manejava a foice alçada:

Marianna tremendo de assustada
O antigo Ribeirão de pranto enchia,
A tudo a Parca de terror cobria
Por impulsos crueis da Sorte irada:

Girou tres vezes com furor violento,
Outras tantas batendo a planta forte
Velez baixou n'um furacão de vento:

Em José descarrega o ímpio córte,
Deixando involtos n'um mortal tormento
Os tenros filhos, a fiel Consorte.

Est commune mori: mors nulli parcit honori:
Dives, et fortis veniunt ad funera mortis.

Ap. Belff. Cencil. 2.

S O N E T O XVIII.

A huma Saudade.

Mais póde o Sol deixar de ser luzente,
E com a noite misturar-se o Dia;
Ser a calma, bem como neve fria,
E ser por natureza o gêlo quente:

Mais póde o Mar deixar de ser movente,
E de ser rócha a bruta penedía,
Tornar-se em trévas tudo o que alumía,
E a mesma terra ser resplandecente:

Mais pode o Mundo em nada ser desfeito,
A materia perder a gravidade,
Deixar o fogo de queimar o effeito:

Mais póde em fim ser sombra a claridade,
Qu'eu deixar de sentir no terno peito
O golpe que me fere da Saudade.

S O N E T O XIX.

*Ao Senhor José Romão Feunot, Coronel de
Milicias na Capitania de S. Paulo, e Aju-
dante de Ordens em Minas Geraes.*

Quando quer descansar Astrea bella,
Por mandado da sacra Divindade;
Para o fiel conservar com igualdade
Anda sempre Romão ao lado d'ella:}

Do monstro que as Virtudes atropélla
Não teme Minas já sua maldade,
De Astrea sahe geral felicidade;
O bem de todos seu Ministro véla:

A Justiça osculando a Paz Divina,
Vê, e desfructa o povo afortunado,
A idade de oiro, idade a mais beni'na:

Neste tempo feliz, tempo doirado,
De ti, ó Minas! foge a Sorte indi'na,
Governa Astrea, tem Romão ao lado.

SONETO XX.

*Ao Senhor Antonio Julio de Mello, S. M.
da Ordenança no Termo do Marianna.*

Tu, ó Julio, me pedes que te faça
Alguns versos, ao Nume que almas prende ;
Porém o fogo que meu éstro accende,
O loiro Apollo mo não dá de graça :

N'um tempo do anno sega-se a linhaça,
N'outro a semente pelo chão se estende,
Há dias que na pesca mais se aprehende ;
Outros são proprios para andar á caça :

Em mim se acha tambem igual mudança ;
Humas vezes do Pindo o Deos me inspira,
Outras de mim nem mostra ter lembrança :

Assim he Julio que o meu tempo gira ;
Mas logo qu'eu puder, sem mais tardança
Para os versos fazer apronto a Lyra.

S O N E T O XXI.

Não, ó Jônia! não vivo indifferente,
Nem tão pouco me esqueço do passado;
Se te dizem que vivo socegado,
O que a alma passa, não conhece a gente:

Se o não ver-te me lembra de repente
Na minha pobre choça retirado,
Ora maldigo meu tyranno Fado,
Ora solto mil ais, qual padecente:

Quem te póde dizer qu'eu não te amava?
Que das linguas não cuido em defender-te?
Que estar longe de ti não me custava!

Não devo, ó Jônia! não, mais esconder-te
Suspiros, que do vento só fiava,
E saudades que passo de não ver-te.

S O N E T O XXII.

Pelas mãos da Pobreza agrilhoado
Seus ferros saccodir emvão forcejo,
Por mais que faça, a meu pezar, me vejo
Ao carro da Indegencia sempre atado :

Não tenho campos, olivães, nem gado,
Nem proprio barco pelas ondas rejo,
D'esperanças se nutre o meu desejo,
No vão futuro fundo o meu morgado :

Dar pois não posso á minha Jonia bella,
Esses dons da Fortuna singulares,
Dons, porque o mundo tão ancioso anhela :

Mas outros lhe darei que não tem pares,
Dar-lhe-hei meu coração, o qual por ella
Arde sempre, d'Amor, sobre os altares.

S O N E T O XXIII.

Minha Tudinha, inda lá distante
 Tu choras por teu bem, por mim suspiras?
 Inda, minha adorada, inda deliras
 Trespasada da dor mais devorante?

Inda contemplas ver-me triste, errante,
 Supportar do meu Fado as negras iras?
 Que fôra, minha bella, se tu viras
 Os males que padece o teu amante:

Desde o dia do nosso apartamento,
 Envoito em penas, em cruel disgosto,
 Cada vez se avigóra o meu tormento:

Ja não sei que he prazer, não sei que he gosto;
 Só, Tudinha, terei contentamento,
 Quando tornar a ver teu lindo rosto.

SONETO XXIV.

Adeos vil Marianna, eu te abomino,
 Na tua estupidez embora fica,
 Já que tanto de ver te mortifica
 Os Vates, a quem orna o dom Divino:

Sepultada no teu loco desatino,
 O Sábio morde que a Sciencia explica,
 E na inveja cruel que te entesica
 Prosegue o teu furor, e odio indi'no:

Longe de ti eu vou em melhor terra,
 Aura mais pura respirar contente,
 Onde o doce Prazer seu templo encerra:

Adeos Cidade indigna, adeos ó gente!
 Qu'és flagello dos bons, dos Sábios guerra,
 De tudo quanto he máo proterva enchente.

S O N E T O XXV.

*Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D.
Mattheus de Abreu Pereira, Bispo de S. Paulo,
para lhe ser offertado por hum pertendente
de Ordens.*

Prelado augusto, humilde pertendente
A tuas plantas, teu favor procura,
Teu puro coração, tua alma pura,
Consternado infeliz torne contente:

Longe da Patria, de seus Pais ausente;
Em ti demanda salutar ventura;
Olha benigno, attende com ternura
Prelado augusto, humilde pertendente:

Do caracter sagrado esta alma veste,
No livro dos Ungidos me descreve,
Torna mais branda minha Sorte agreste:

Estudante a pedir tal bem se atreve;
Milagres desta casta já fizeste,
Fazellos outra vez, a ti he leve.

SONETO XXVI.

Aos annos de hum filho do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz Antonio Furtado do Rio de Mendonça, Visconde de Barbacena, estando por General em Minas Geraes

Vós que jazeis nos braços da ventura
A quem ella franquea o seu thesoiro;
Vós que pizando nas areas de oiro
Huma vida passaes alegre, e pura;

Vós que o seio rasgando á terra dura
Fazeis d'elle extrahir o metal loiro;
Vós que o summo das cepas do alto Doira
Ser o nectar do Ceo se vos figura;

Vós que as palestras frequentaes de Marte;
Vós que adorando os Numes Soberanos
De Minerva aprendeis sciencia, e arte;

Vós finalmente todos os homanos
Gostosos festejai por toda a parte
De Affonso illustre seus felices annos.

SONETO XXVII.

Em quanto as vagas resaltando em ira
As penhas batem com fragor ingente
Em quanto o monstro tragador da gente
Destes rochedos em seu torno gira:

Em quanto Delia seus Etontes vira
Para onde mora o Nume Ondipotente;
Em quanto a Noite nos mortaes consente
Placido suco que Morfeu lhe inspira:

Em quanto ao longe neste lago vasto,
Deviso o gado do Protheu boiando,
Deos multiforme que o conduz ao pasto:

Em quanto em fim o vento sopra brando,
De Ulmira os annos nesta pedra engasto,
Para que o tempo os fique respeitando.

SONETO XXVIII.

Que triste não deviso a nossa aldéa?
Não se encontra sequer huma Serrana;
Apenas vejo a velha Marianna
Assentada acolá naquella area:

Acaso levaria a grossa cheia
D'algum Pastor a lavra, ou a cabana?
Ou de lobo voraz furia tyranna
No gado causaria morte feia?

Daria a ronha na gentil manada
Onde os capros soberbos tem armado
Gostosa luta com tenaz marrada?

Mas ah! já sei quem tanto tem causado:
A ausencia foi da minha Jonia amada,
Por quem tem esta aldéa suspirado.

SONETO XXIX.

Graças á minha Sorte, que já vejo
Raiar de perto o templo da Ventura;
Cálcado aos pés na vil miseria dura
Espero prestes ver meu mal sobejo:

Já mais das Marcias seu gentil cortejo
Reviver me fará doce ternura;
Da sagrada Razão toda a candura
Graças á minha Sorte, que já vejo.

Agora resta em duros ferros prezo,
Acabar de vencer o mal tyranno
De quem tenho soffrido o enorme pezo:

Para sempre detesto Amor insano;
Esperando encontrar de gosto accezo,
No templo da Ventura, o Desengano.

SONETO XXX.

Lindas falanges de gentis Amores,
O Chefe de Cithéra tendo á frente,
Voão de Gnido, e n'um vergel frondente
Em columnas se afileirão sobre as flores:

Logo tirando hervados passadores
Da crua aljava que lhe jaz pendente,
Contra os humanos com furor vehemente
Todos se accendem em mortaes rancores:

Teme, ó Jonia cruel! teme do crime,
Que em paga de me não teres amado,
A consciencia te morde, fere, e opprime:

As duras settas do esquadrão alado
Reprime agora, se és capaz, reprime.
Mas Jonia, em fim de ti me vinga o Fado.

S O N E T O XXXI.

Já basta, caro bem, já estás vingada
De quanto me julgaste criminoso,
Consente que a bejar torne amoroso
A cadêa que foi por ti quebrada:

Não mais persigas, não, prenda adorada,
A quem persegue o Fado rigoroso;
De teu Lisio fazeres desditoso
Já basta caro bem, já estás vingada:

Aqui posto a teus pés, bella homicida,
Ou façamos as pazes novamente,
Ou sem piedade então me tira a vida:

Sê comigo, meu bem, sê indulgente;
E no peito me cura esta ferida,
Que me abriu de Cupido a setta ardente.

S O N E T O XXXII.

Vou levar a beber meu pobre gado
Onde o rio acolá faz seu remanso,
Quero ver, como alli corre mais manso,
Se de Jonia me traz algum recado:

Bem me posso chamar afortunado,
Se tão grande ventura agora alcanço,
Hum momento se quer mais não descanso,
De ti eu vou saber, meu bem amado:

Tu que vens donde a minha Jonia mora,
Conta-me se me trazes novas della,
Se se lembra de mim, se ri, se chora.

Mas que novas me dará da minha bella,
Quem não sente, não vê, quem não adora:
Ai de mim triste! que não posso vêlla.

S O N E T O XXXIII.

De que serve adorar huma ingrata
 Onde não póde haver feliz ventura ;
 Triste de mim , que quiz a Sorte dura ,
 Qu'eu tambem adorasse a quem me mata :

Por mais finezas que minha alma trata ,
 Nunca posso alcançar terna brandura ;
 S'eu não encontro mais que desventura ,
 De que serve adorar huma ingrata ;

Mil vezes já maldisse ao Deos Vendado ,
 Chamei-lhe ímpio , rapaz , Deos indolente ,
 Porém nada meu mal tem abrandado :

Eu me sinto morrer infelizmente ;
 Só me resta saber do Triste Fado ,
 Té quando quer qu'eu viva descontente .

*Aos annos da Illustrissima e Excellentissima
Senhora D. Maria Ignacia da Silveira, au-
gusta Mãi do Illustrissimo e Excellentissimo
Senhor Bernardo José de Lorena.*

ODE I.

T Ambem das Musas no seu carro de oiro
Demando os ares, lá nos Ceos me elevo,
Cinge-me a frente o loiro;
De Horacio a trilha a proseguir me atrevo.
Não sou rude Pastor que os campos ara;
Na minha Lyra cara
Transporto aos astros os Heróes mais di'nos
Nas brancas azas do meus altos hymnos.

Quando dos Orbes me transmonto aos cumes,
Fogo sagrado por mim corre, e gira;
Apár dos mesmos Numes
Aura celeste dentro em mim respira,
Qualquer mortal não sou se me encendeio;
O ether fendendo ao meio,
Meu Estro altivo muito além me passa
A grande faxa que a Saturno enlaça.

A's vezes rompo o penetral escuro
 Que a casa fecha do immortal Destino,
 E dos Heróes procuro
 Ir ler affeito quanto lhe he ben'no:
 Agora mesmo que o furor me instiga,
 Da Divindade amiga
 As graças vou saber, que o Ceo ordena
 A' Mãi augusta do sem par Lorena.

Sobre os ventos eu vou, eu subo ousado]
 A invadir do Futuro o throno ingente,
 E a despeito do Fado
 Me achego a elle com poder vehemente;
 Nas urnas de oiro daqui mando, e impéro:
 E se ás vezes eu quero,
 Com hum só golpe que de vista lanço
 Os mais altos segredos logo alcanço.

Além deviso a Mãi illustre, e nobre
 Do egregio Protector, do Heróe das Minas;
 Pavilhão d'oiro a cobre
 Todo orlado de candidas boninas;
 Hum diadema de estrellas guarnecido
 Na frente tem cingido
 Arcos de luz em torno levantados
 Mostrão mil gratos a seus pés prostrados,

Aurea capella que na mão sustenta
 A lindo Joven com prazer a entrega,
 Junto a seu lado o assenta,
 Nem hum só dos mortaes seu poder nega.
 Do Téjo ao Ganges o seu Nome vôa
 Feliz alta Lisboa
 Ao longe estou a ver teu gosto intenso,
 Por entre as nuvens de hum futuro immenso

Mas que scena persaga de venturas
 Dos dias outra vez rápida corre?
 Em regias vestiduras
 Hum Nume observo que aos mortaes socorre
 Tambem aos pés do incomparavel Téjo
 Além a Europa eu vejo;
 Em chuvas de oiro a America desfeita
 Dons liberaes de sua mão acceita.

He este, he este, eu vejo, he este o Nume
 A quem o Tempo reverente adora,
 E Nabateu perfume
 Em torno lhe derrama a linda Aurora;
 Tem junto a si de candidas fileiras
 Mil illustres Silveiras.
 E cem donzellas de belleza amena
 Repetem sem cessar, este he Lorena.

Porém aonde me conduz meu Estro
Por fogosos Etontes remontado?

O meu auriga, destro
Pelos discos dos Orbes corre ousado . . .
Marilia he aquella? a Mãi do Heróe prestante
A quem no Ceo brilhante
Hoje festejão Numes soberanos
O fausto dia dos seus aureos annos?

Eu entro, eu rompo, eu vou abrir o templo
De profundos mysterios tuppetado

E a meu sabor contemplo
Casos estranhos qu'em si guarda o Fado.
Alta próle de Numes Tutelares
Occupa seus altares
Cercada de clarins, além desponta
A sacra Deosa que cem boccas conta.

Qual baixel que sem leme as vagas corta
Meu antigo furor, não sei que sente?

A ti ó Deosa! importa
Supprir a falta do meu fogo ardente
As azas bate, pelo mundo gira,
E mais que a minha lyra,
Quanto o Futuro de Lorena encerra,
Vai o Fama! contar por toda a terra.

*Ao Senhor Carlos José da Silva, Escrivão, e
Deputado da Real Junta da Fazenda, e Co-
ronel do Primeiro Regimento de Milicias de
Villa Rica.*

ODE II.

DA languida inacção huma vez solto
Eis os grilhões desato,
E sobre as brancas refulgentes azas
Do candido desejo,
A ti egregio Silva hoje me elevo.
A viração dos Deoses,
Que só na mente vem pousar dos Vates,
E o Estro lhe sublima
Além das portas, que o Futuro guarda,
De teu illustre Nome
A gloria, a fama, que no mundo sôa,
No templo da Memoria,
Affoita a irá gravar, fazer eterna.
Agora, agora eu sinto
Furor estranho, que meu sangue agita.
Nas azas dos meus hymnos
Comigo, ó Carlos! vem correr o Orbe;
Eu vou, eu vou mostrar-te
A todas as nações, ao mundo inteiro.
Este, a quem a Virtude
De loiros immortaes adorna a frente,
E que a Razão sagrada

Em laço estreito junto ao rosto aperta
 Este , que ao Throno augusto
 Fiel ondêa vassallaes incensos ,
 E nos chapeados cofres
 O valioso metal provido augmenta
 He o benéfico Astro ,
 Dativa pura lá dos Ceos mandada ;
 O nobre , o dadivoso ,
 O raro , affavel , o esplendor de Minas.
 Qual a manhã serena
 Ergue das sombras a lustrosa face ,
 E com seus raios doira
 Os altos montes , os amenos valles
 Ou qual a Primavera
 Semea os campos do matiz brilhante ;
 Das engraçadas flores
 Tal és , o Carlos ! assim he teu Nome.
 A fresca madrugada
 Não he mais linda no calmoso estio ,
 Nem a limpida fonte
 Quando metiga a devorante sêde ,
 Do que tu és , ó Silva !
 Logo que assomas na radeante esfera
 Da protecção que esparges.
 A ingenua turba , que circundã em torno
 Da tua fama o templo ,
 Grata pregoa nos umbraes da gloria
 Teus méritos sublimes.
 Porém , que nobre , salutar imagem
 Meu Estro me transporta ?
 Salve augusta , divinal , serena ,

Rara , linda Amisade ,
 Jubilo dos mortaes , penhor dos Deoses ,
 Tu és o meigo Nume ,
 Qu'em laços de prazer nõ Ceo tecidos ,
 Me unes , ligas , me apertas
 Ao grande , illustre , ao incomparavel Carlos ,
 A'quelle Heróe famoso
 Acerbos Zoilos , que soltaes do abysmo
 O negro , átro fumo ,
 Para os loiros crestar que a frente me ornão ,
 Da minha fama escravos ,
 A par do amigo que em meos hymnos vóa . . .
 As torpes , viz cadeas
 Agrilhoados verei portaes de rojo ;
 E quaes as crespas vagas ,
 Que incertas lutão , que a si mesmo rompem ,
 Desteitos os fantasmas
 Verei da ignavia , e da letal peçonha ,
 Que nos peitos vos ferve .
 Salve ó Carlos ! salve illustre amigo ,
 Aquem não póde a inveja
 Os votos macular que a ti offerto .
 Salve pura Amisade ,
 Dos dons sublimes o mais alto , e nobre ;
 Tu me elevas minha alma ,
 Tu nella entornas o prazer mais doce ;
 Tu me ligaste a Carlos ,
 A quem nas azas dos fulgentes hymnos
 Levanto , subo alegre ,
 Para o hir colocar cheio de gloria
 No templo da Memoria .

ODE III.

DEcantà ó Musa ! na doirada lyra
 O doce agrado da formosa Jonia ,
 Em cujo rosto com as Graças morão
 Ledos Amores.

Não de Livaniã , nem de Helena canto ,
 Não canto Laura , nem á mesma Venus ,
 Outra Heroína demais alto assumpto
 Enche meus versos.

E's tu gentil , encantadora Jonia ,
 Quem me surprende com bellesa tanta ;
 Só tu pudeste cativar esta alma
 D'Amor isenta.

Teu feiticeiro , matador agrado ,
 Quem ver o póde sem morrer de Amores ?
 Só , gentil Jonia , deixará de amar-te
 Quem for de ferro.

Huns olhos ternos onde Amor volteja ,
 Ah Jonia cara ! mais que Circe encantão ,
 Por elles prêzo , maneatado fica
 Quem chega a vélos.

As niveas faces, que o jasmim mais puro
 Com sua alvura a igualar não chega,
 Em cujo centro renascer se observão
 Rubras papoilas

Os doces labios de nacar formados
 Inda mais bellos que o carmim mais fino,
 E aonde os Risos em aladas chusmas
 Andão brincando

Ah Jonia ! Jonia ! qual será o peito
 De bronze, marmor, ou de rocha dura,
 Que arder não sinta abraseadas chamas,
 Que Amor atea.

Bem póde Venus apagar os fachos
 Com que se ostenta da belesa encanto;
 Seus attractivos, eclypsados ficão
 Vendo teu rosto.

Só tu és Jonia, do feitiço a Deosa;
 Só em ti morão mil milhões de Amores;
 Só tu serias nas Idalias bodas
 A mais formosa.

Se Chipre, e Pafos te avistassem hoje,
 Ah Jonia maga ! te darião cultos:
 Cupido mesmo queimaria incenso
 Nas tuas aras.

As Nynfas todas a teus pés prostradas
Então verias vassallagem dando;
Tudo mostrára, tu só eras digna
De hum nome eterno.

Ah Jonia! Jonia! ja que o mundo todo
Te não dá cultos, por te não ter visto?
Acceita ao menos meus amantes votos,
Votos sinceros.

Eu que teu rosto, teu divino rosto,
De o ver a dita tantas vezes tive,
Huma alma terna, que meu peito anima
Hoje te offerto.

Della te apossa, como tua a guarda,
Só a ti Jonia, consagrada vive,
De sempre amar-te, de ser tua sempre
Firme te juro.

Aos annos de hum filho do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça , Visconde de Barbacena , estando por General em Minas Geraes.

ODE IV.

NO grande Affonso Portugal respira
 Dos torpes Agarenos ,
 Affonso não he menos
 Que Alexandre , e Pompeo que o mundo admira :
 Este alto nome , inspira
 Futuras producções de Heróes famosos
 No templo do Futuro respeitosos.

De fortes Castros , de immortaes Menezes
 Pequeno Heróe nos nasce ,
 Que o rijo escudo abraçe ,
 E faça respeitar os seus arneses ;
 Heróe , que as suas vezes
 Ilustre fará sempre entre os viventes ,
 Como Heróe que nasceo de Heróes valentes.

Sobre as ameas da arruinada Dio ,
 Com armas vencedoras ,
 Nações bligeradoras
 Virão dos Castros seu valor , e brio ;
 Da aguda espada o fio
 Dos Menezes na mão , sentio Mafoma
 Ser qual raio que tudo assola , e doma.

Estes os troncos, troncos enervados
 Do adolescente Affonso,
 A quem Saturno intonso
 Não tem seus dias nem sequer tocados:
 Renascem os Furtados
 Neste pequeno Heróe, que a Heróe propende,
 Semelhante aos Heróes de quem descende.

Este pois, que no monte bipartido
 Cantão fulvas Deidades,
 Nas futuras idades
 Europa o verá ser Heróe luzido;
 Seu genio esclarecido
 Inda assombro será, que ao luso povo
 Dé gloria singular, dé lustre novo.

As crespas ondas do Soberbo Téjo,
 Que sobre arêas d'eiro,
 Como em rico thesoiro,
 Dos Marialvas aos pés curvadas véjo;
 Meu ávido desejo
 Hum dia mostrarão, quando humilhadas
 Forem das plantas deste Heróe calcadas.

D'America nos braços recostado,
 Entanto Affonso nobre,
 Receba o obsequio pobre
 Aos seus annos ditosos consagrado:
 Por Temis edução,
 Os dous lustros que fas são na memoria
 Doces presagios de futura gloria.

I.

*Vejo mar, não vejo terra ;
Choro não vejo ao meu bem,
Vejo-me perto da morte ,
Longe de quem me quer bem.*

DEixei minha pobre aldeá
Onde o tempo alegre passa,
E por força da desgraça
Vim viver na terra alhea :
Ainda tenho na idéa
A causa que me desterra,
Ainda me alembra a serra
Que do longo mar eu vi,
Parece-me que ainda aqui
Vejo mar, não vejo terra.

Tão viva tenho a lembrança
De tudo quanto hei passado,
Que quasi desesperado
O proprio viver me cança :
Já perdi toda a esperança
Do gosto que o prazer tem ;
Como eu não há ninguém
Que se veja em dura frágua ;
Para minha maior mágoa
Choro, não vejo ao meu bem.

Qu'eu perdesse o manso gado,
Minha lavra, meu cazal,
Tudo julgo inf'rior mal
Ao perder meu bem amado:
O ver-me d'elle appartado
Me tem posto desta sórte;
A minha pena he tão forte,
Minha dôr tão penetrante,
Qu'em ver-me d'elle distante
Vejo-me perto da morte.

Mas ah! que talvez agora
Permitta o Ceo tal não seja
Que a minha adorada esteja
Sendo-me infiel traidora:
Talvez nesta mesma hora
Que com ella brinque alguem;
Talvez que ella diga sem
A minha fé quebrantar,
Posso com outrem brincar
Longe de quem me quer bem.

II.

*Por mais que te busque Ondelio,
Nunca te posso encontrar,
Dando motivo a que ande
Sempre, sempre a suspirar.*

DEsço aos valles, subo aos montes,
Ondelio, em tua proeura,
Busco as selvas da espessura,
Busco os rios, busco as fontes:
Já tres veses os Etontes
Tem guiado ao Nume Delio,
Outras tantas a Frondelio
Tendo por ti proguntado,
Tudo tem sido baldado
Por mais que te busque Ondelio.

Ah! diz-me, infiel Pastor,
Por que de mim foges tanto?
Sem te mover o meu pranto,
Nem abrandar minha dôr?
Não, cruel, não tens amor,
Eu assim devo pensar,
Não tem ficado lugar,
Que te não buscase, ingrato;
Por bosques, grutas, por mato,
Nunca te posso encontrar.

Se de mim vives queixoso,
 Dize-me em que te offendi;
 Jonio, não deixei por ti?
 A Laurindo? e a Frondoso?
 Ah! torna Ondelio amoroso,
 Antes que a roda desande;
 Mais não permittas, que mande
 Ao ar turvo, meus suspiros,
 Por estes ermos retiros
Dando motivo a que ande.

Porém se lá onde existes,
 Gostas de escutar meus ais,
 Farei qu'inda corrão mais
 As minhas lagrimas tristes:
 Des que, Ondelio, me fugistes,
 Minha vida he só chorar;
 De hum lugar, n'outro lugar,
 Qual ave, de ramo em ramo,
 Pelo meu Ondelio chamo
Sempre, sempre a suspirar.

III.

*Não posso deixar de amar-te,
 Não há Fado mais tyranno,
 Conhecer o proprio erro,
 E viver no mesmo engano.*

E Stes pezados grilhões
 Que os roxos pulsos me apertão,
 Em vão, Jonia, me despertão
 As tuas ingratições:
 Conheço tuas traições,
 Não te vale o disfarçar-te;
 Teu fingimento, tua arte,
 Tambem a conhecer vim,
 Ah tyranna! inda assim
Não posso deixar de amar-te.

A' força, quasi arrastado,
 Por mais que a razão desdiga,
 Que te ame sempre me obriga
 A dura lei do meu Fado:
 Ou viva de ti amado,
 Ou nos braços do engano,
 Por decreto Soberano,
 Conservarei esta chama;
 Mas amar quem me não ama?
Não ha Fado mais tyranno.

Sei que he contra a natureza,
 O rigoroso preceito,
 Que me manda amar hum peito,
 Que paga amor com fereza:
 A pezar desta certeza
 Não buscarei o desterro,
 Jonia amarei com a ferro;
 Sim Jonia, amar-te-hei devéras;
 Assim tu meu bem, quizeras
Conhecer o proprio erro.

Se a ventura o permittira,
 Cruel Jonia, então verias,
 Qu'inda tinha alegres dias,
 Qu'inda ria ao som da lyra:
 Ah! tem dó de quem suspira,
 Não sejas mais em meu dano;
 Teu coração inhumano,
 O Jonia! torna a abrandar;
 Não concintas ver-me amar,
E viver no mesmo engano.

*Fá que amor te não mereço,
 Ao menos tem compaixão
 Desta alma, que por ti soffre
 Tanta dôr, tanta affeição.*

POr mais que os olhos te expressem
 Os effeitos, que a alma sente,
 Ah! Jonia! até ao presente,
 Nenhuma attenção merecem:
 Diz, cruel, não te enternecem
 Os tormentos que padeço?
 Pelo amor de Deos te passo,
 Quando vires meus accenos,
 Mostres huna sorriso ao menos,
Fá que amor te não mereço.

Com pouco me satisfaço,
 Permite que sim, meu bem,
 Mas tu, linda, ama tambem
 D'Amor o doirado laço:
 Esta súpplia te faço,
 Jonia do meu coração,
 Põem de parte a isenção
 Que me faz desesperar;
 E senão queres amar,
Ao menos tem compaixão.

Movão-te os tristes gemidos
 Com que exallo meu tormento,
 Que sobre as azas do vento
 Talvez cheguem a teus ouvidos:
 Mais desprezos desabridos,
 Não, não me arrojes de chofre;
 Por teus olhos, que são cofre
 Onde Amor setas ordena,
 Te pesso que tenhas pena
Desta alma, que por ti soffre.

Deixa Jonia o pondonor,
 Deixa essa teima inhumana,
 E em vez de ser tyranna,
 Cuida em pagar meu amor:
 Ah bella ! deixa o rigor,
 A ferina ingraticidão,
 E se no teu coração
 Entrou ternura algum dia,
 Por piedade alevia
Tanta dor, tanta aflicção.

M O T E

*Ver-te sempre a mim unido
Deseja meu coração.*

P Ara que me andas fugido
Meu bello, meu bem amado,
Quando he todo o meu cuidado
Ver-te sempre a mim unido:
Torna a voltar, bem querido,
Dessa tua sem razão;
Não andes mais tempo, não,
Longe da tua adorada,
Por que só paz, e mais nada
Deseja meu coração.

M O T E

*Não são nove as Musas bellas,
Não stão no Pindo as tres Graças.*

Sendo tu, Marcia, huma dellas,
Se tu cá na terra moras,
Lá no Pindo a estas horas
Não são nove as Musas bellas:
Bem que a nós te não revéllas
Quando tu entre nós passas
Ah Marcia! por mais que faças,
O teu distarce he em vão;
Ou tu és Musa, ou entáo
Não stão no Pindo as tres Graças.

LYRA I.

V Em, ó Jonia! comigo vem sentar-te
 Na relva deste prado,
 Em quanto o nosso gado
 Não monta aquelle outeiro a outra parte;
 A' sombra da floresta,
 Deixemos que se abrande a ardente sésta;
 Recostados aqui nesta espessura,
 Pensemos, minha amada, o que he ventura.

Alexandre subido em carro de oiro,
 Segue, e vence a Dario;
 Depois, qual grande rio,
 Alaga quanto abrange Febo loiro;
 Vencedor, e guerreiro,
 Tremeo de ouvir seu nome o mundo inteiro,
 Mas nessa gloria vã de fazer damnos,
 Morreo antes de ter trinta e tres annos.

Anibal, deste Heróe a impreza toma,
 E por servir Cartago,
 Leva arruina, e o estrago,
 Junto dos muros da soberba Roma.
 Da Patria então chamado,
 Pelo grande Sepião he destroçado;
 E da Betinia na enganosa Côrte,
 Com veneno a si mesmo deo a morte.

E

Destas imagens, minha Jonia linda,
 Nos traz milhões a historia,
 De Cesar á memoria
 Humna próva nos dá, e ha mais ainda.
 Porém, minha adorada,
 Que vida mais cruel, mais desgraçada!
 Quanto he melhor passalla entre os Amores,
 Do qu'entre as turvas ondas dos furores.

Nova ordem de málies, de tormentos,
 O sábio a si procura,
 E corre á sepultura
 Sobre os vôos de aligeros momentos.
 Nos livros encurvado,
 O dia, e a noite passa neste estado;
 E á força de pensar, de ler, de estudo,
 Consegue o morrer logo, o perder tudo.

Cupernico velóz os Ceos demanda,
 O mesmo faz Cassino,
 E com furor divino,
 O primeiro nos diz, que o sol não anda;
 O outro, com ancia nobre
 De Saturno os satelites descobre,
 E tu, ó Galileu! que os astros médes,
 Emparelhas a gloria de Archimedes.

De Neuton, minha Jonia, a fama vôa,
 De Wolfio, e Leibenicio;
 E que feliz indicio
 De terem vida, terem sôrte boa?
 Mas não, não são ditosos;
 Mettidos em systemas trabalhosos,
 Como aquelle que luta em alto pégo,
 Não tem descanso, nunca tem socego.

Mais feliz, doce bem, he mais ditoso
 O rustico Pastor,
 Do que esse endagador
 Do que há nos Ceos, na terra, e mar ondoso:
 Do Pastor o cuidado,
 He de vir como nós dar pasto ao gado,
 Em quanto o Sábio entregue a conjecturas
 Inquieto vive nas pensões mais duras.

Louvada a nossa Sôrte, que os pezares
 Nosso casal não sabem,
 E os gostos que nos cabem,
 Misturados não vem d'impios azares.
 N'aldéa, na espessura,
 Sempre os mimos gosamos da ventura;
 E que maior ter posso, Jonia bella,
 Que cingir-te na frente esta capella.

Nem Sábio , nem guerreiro , Jonia amada ,
Entrão da dita a templo ,
Eu só feliz contemplo ,
Quem gosa com seu bem a paz doirada ;
Fadigas , e canções ,
Não nos podem tecer ditosos laços ,
Só vós ternas Deidades da belleza ,
Só vós he que emblesaes a natureza.

Só tu , Jonia meu bem , só tu me encantas ,
Só tu és a ventura ;
Nunca a tive mais pura ,
Do que quando teu rosto a mim levantas .
Vê naquelles raminhos
Como se unem com gosto os passarinhos ;
Una-mo-nos tambem minha querida ,
Não quero mais ventura nesta vida.

LYRA II.

EMquanto anda o meu gado
 Pastando naquelle monte,
 Quero ver se alli defronte
 Algum ninho posso achar,
 Para quando for a aldéa
 A' minha Jonia offertar.

Vós que fizesteis
 Seu lindo rosto,
 Ceos piedosos
 Cumpri meu gosto.

Vou ver naquelle salgueiro
 Que fica ao pé da corrente;
 No ramo que está pendente
 A' hum lá deviso estar,
 Para o dar á minha Jonia
 Vou ver se o posso tirar.

Vós que fizesteis
 Seu lindo rosto,
 Ceos piedosos
 Cumpri meu gosto.

Bravo, que tem passarinhos,
 A minha Jonia os estima;
 Quero pôr-lhe a mão em cima
 Antes que me vão saltar,
 Porque quero ter o gosto
 A' minha Jonia de os dar.

Vós que fizesteis
 Seu lindo rosto,
 Ceos piedosos
 Cumpri meu gosto.

São tres, como são pintados,
 Como tem lindos biquinhos;
 Não temais meus passarinhos,
 Qu'eu não vos quero matar.
 Que prazer não terá Jonia
 Quando eu lhós for levar?

Vós que fizesteis
 Seu lindo rosto,
 Ceos piedosos
 Cumpri meu gosto.

Agora vou guardar estes
 Acolá naquella penha,
 Póde ser qu'inda mais tenha
 Este aprazivel lugar.
 Gosto tanto quando posso
 A' minha Jonia agradar?

Vós, que fizesteis
Seu lindo rosto,
Ceos piedosos
Cumpri meu gosto.

Ficai aqui tenras aves,
Nesta solitaria gruta,
Sem temor, que fera bruta
Vos possa vir maltratar;
Porque vós já sois de Jonia,
Amor vos ha de guardar.

Vós que fizesteis
Seu lindo rosto,
Ceos piedosos
Cumpri meu gosto.

Quero dar mais huma volta
Por todo este arvoredos,
E póde ser que bem sedo
Outros mais possa encontrar.
Como os não hirei contente
Todos a Jonia entregar!

Vós que fizesteis
Seu lindo rosto,
Ceos piedosos
Cumpri meu gosto.

Porém, que fortuna a minha!
 Ali outro ninho vejo!
 Satisfe-se o meu desejo,
 Eu tos vou Jonia levar;
 Espera sómente, emquanto
 O meu gado eu vou juntar.

Vós que fizesteis
 Seu lindo rosto,
 Ceos piedosos
 Cumpri meu gosto.

LYRA III.

QUando se vê na campina
Verdejar a relva amena,
E junto d'alva assucena
Se avista a rôxa bonina,
Quando tudo mostra, e ensina
Ter chegado a Primavera
Em todos então se gera
Hum delecioso prazer
 Só eu, minha Jonia bella,
 Fico sempre a padecer.

 Apparece o alegre dia
Logo após da linda Aurora,
Acorda o Pastor que adora
Entre os sonhos d'alegria,
A beber á fonte fria,
Vai gostoso o manso gado,
Corre o cordeiro apressado
Junto á Mãi que vê correr
 Só eu, minha Jonia bella,
 Fico sempre a padecer.

Na terra seca, arenosa,
Se cria o lyrio mimoso,
No mesmo tronco espinhoso
Nasce a engraçada rosa,
Junto á serra montuosa
Sempre está hum valle ameno,
Tambem d'entre o seco feno
Se vê outro renascer
Só eu, minha Jonia bella,
Fico sempre a padecer.

Nas selvas mais desabridas
Onde altivos matos crescem,
Alli tambem apparecem
Flores, na terra esparzidas;
Nas grutas mais escondidas
Onde a penas nascem limos,
Tambem os peixes seus mimos
Huns aos outros vão fazer
Só eu, minha Jonia bella,
Fico sempre a padecer.

A pomba, a rôla innocente,
Provão momentos de gosto;
Tambem Jonia esse teu rosto
Me podia ter contente,
Porém de ti sempre ausente
Me traz, o meu duro Fado.
Tudo muda o seu estado,
Tudo muda o seu viver,
Só Meliseu infeliz
Fica sempre a padecer.

LYRA IV.

Hoje que o sol não derrama
 Mais, os seus raios na terra,
 Por dar pasto á terna chama,
 Eu vou proseguir na guerra,
 Na doce guerra de Amor.
 Cego Nume! tu me empresta
 Tua aljava, teu valor.

Jonia, hade ser conquistada
 Apezar da resistencia;
 Não lhe vale andar armada,
 Nem mostrar-me com frequencia
 Hum desabrido rigor.
 Cego Nume! tu me empresta
 Tua aljava, teu valor.

Cahe a torre a mais valente,
 A muralha forte, e dura,
 Tudo mudanças consente,
 Tudo mesmo me assegura
 Qu'heide sahir vencedor.
 Cego Nume! tu me empresta
 Tua aljava, teu valor.

Inda que o seu alvo peito
Fosse de bronze tecido,
Tambem o bronze he sujeito
A torna-se derretido
No excessivo calor.

Cego Nume! tu me empresta
Tua aljava, teu valor.

Hirei a seus pés prostrar-me,
Meus olhos serão dois rios,
Não cessarei de queixar-me
De seus tyrannos desvíos,
Do seu impio desamor.

Cego Nume! tu me empresta
Tua aljava, teu valor.

Quando me vir soluçando
De pranto todo alagado,
Talvez seu genio mais brando,
Lhe peze de ter causado
Na minha alma tanta dôr.

Cego Nume! tu me empresta
Tua aljava, teu valor.

Eu lhe direi Jonia bella ;
 Tu não és de pedra feita ;
 Tem dó do mal que me anéla ,
 Este meu affecto acceita ,
 Acceita este amante ardor.
 Cego Nume ! tu me empresta
 Tua aljava , teu valor.

Se a quem por ti morre , tratas
 Com deshomana esquivança ,
 Se por te amar tu me matas ;
 Qual hade ser a vingança
 Do que teu opposto for.
 Cego Nume ! tu me empresta
 Tua aljava , teu valor.

Ah Jonia ! Jonia adorada ,
 Mais engraçada que a Aurora ;
 Se meu amor não te agrada ,
 A teus pés me tens agora ,
 Da-me a morte por favor.
 Assim lhe hirei encravando
 As doces setas de amor.

LYRA V.

Não viste, Jonia,
Naquella balça,
A verde salsa
Como mimosa
Vai a crescer?

Tambem não viste
Na mái do vinho,
Como tenrinho,
Brando pimpolho
Vai a nascer?

Assim és Jonia,
Tenra, e mimosa;
A branca rosa
Não te desbanca
No parecer.

Mas, Jonia linda,
Tambem não viste,
Como presiste
Nas mesmas plantas
Terno viver?

Não viste a vide
Do olmo enlaçada,
A fé jurada
Hum só instante
Nunca perder ?

Assim , ó Jonia !
S'he teu agrado ,
No mesmo estado
Vivamos ambos
Até morrer.

LYRA VI.

ENgraçada Primavera,
 Que tão gentil appareces
 Que ao já seco annoso tronco,
 De verdes folhas guarneces.

Mais do que tu, he formosa
 Minha Jonia encantadora;
 Tu só brilhas quando nasces,
 Ella brilha a toda a hora.

Só n'uma cousa contigo
 Ella mostra ser igual,
 Tu animas toda a terra,
 Ella he universal.

Tu entre a reiva mimosa
 Fazes nascer a bonina,
 Crescer o jasmim, o lyrio,
 Junto á fonte crystalina,

Tal he minha Jonia bella,
 Em despender seus favores,
 Tanto ao Tapuya selvagem,
 Como aos seus caros amores.

Tu Aurora ,és semelhante
Quando mostras tua face ,
Para o mais rasteiro arbusto
Tua luz ao mundo nasce.

Logo que apenas despontas
No affastado orisonte ,
Tambem vens mostrar-te ao valle ,
Como te mostras ao monte.

Jonia segue o mesmo estylo ,
Não póde dizer que não ,
Tanto ao feio Polifemo ,
Como ao baixo , pardo Anão.

A todos com igualdade
Mostra as suas graças bellas ,
A todos semea rosas ,
A todos cinge capellas.

Entre os compassos da dança
Não nega amantes favores.
Tu Aurora ,és semelhante
Orvalhando ortigas , flores.

Ai daquelle que presume
Nella achar fidelidade,
Não póde o seu meigo genio
Negar terna affab'idade.

Primavera, Aurora bella,
Vós nisto Jonia imitaes;
Mas no que toca á belleza,
Ella he bella muito mais.

LYRA VII.

Aqui nesta balça escura,
 Da tristeza imagem feia,
 Lembranças de hum bem que adoro
 Vou revolver na idéa.

Ai, ai, ó dores!
 Quem póde viver alegre
 Ausente dos seus Amores.

A terna rôlla suspira
 Quando não vê o consorte;
 Eu longe da minha Jonia
 Supporto ancias de morte.

Ai, ai, ó dores!
 Quem póde viver alegre
 Ausente dos seus Amores.

Brutas penhas se me ouvireis
 Algum amante segredo,
 O' penhas! não sei se o diga,
 Até de vós tenho mêdo.

Ai, ai, ó dores!
 Quem póde viver alegre
 Ausente dos seus Amores.

Anda a Sabiá cantando
De raminho , em raminho ,
Alegre por ver defronte
A sua amada no ninho

Ai , ai , ó dores !
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus Amores.

Eu porém sem ter socego ,
Ando por esta espessura ,
Inuteis queixas formando
Da minha pouca ventura.

Ai , ai , ó dores !
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus Amores.

Tu limoeiro , que viste
Aquelle bejo suave
Folhinhas , guardai silencio ,
Só vós , ninguém mais o sabe.

Ai , ai , ó dores !
Quem póde viver alegre
Ausente dos seus Amores.

Doces, amantes promessas
 Pela minha Jônia feitas,
 Qual será o feliz dia
 Que vos veja satisfeitas.

Ai, ai, ó dores!

Quem pôde viver alegre
 Ausente dos seus Amores.

O mais vil d'entre os bichinhos
 Vê, e logra o bem que adora,
 Só eu infeliz não posso
 Vêr, a quem nesta alma mora.

Ai, ai, ó dores!

Quem pôde viver alegre
 Ausente dos seus Amores.

Deixai-me tristes lembranças,
 Deixai-me infeliz morrer,
 Não he justo tenha vida
 Quem seu bem não pôde ver.

Ai, ai, ó dores!

Eu morro de saudades.

Se não vejo aos meus Amores:

LYRA VIII.

O Jonia escuta
 Meus ais magoados,
 Escuta os brados
 Qu'eu lanço ao ár.

Tu és a causa
 Deste meu pranto,
 Por quem eu tanto
 Vivo a penar.

Já te esqueceste,
 Diz-me inimiga,
 Daquella antiga
 Fé, singular?

Não prometteste
 Ser rocha dura,
 E a fé mais pura
 Sempre guardar?

Como mudaste,
 O' Jonia ingrata!
 Assim se trata
 Quem sabe amar?

O Ceo castigue
Tua mudança,
Tome a vingança
Do teu obrar.

Elle despique
Accção tão feia;
Já que a cadéa
Te vio quebrar.

Esse que adoras
Comtanto affecto,
Seja o objecto
Do teu azar.

Só nelle encontres
A' dôr motivos,
Tormentos vivos
Só vaz achar.

Então lembrada
Da fé perdida,
Leves a vida
Sempre a chórar.

Porém, que pesso
Ao Ceo piedoso,
Se inda amoroso
Te chego a amar?

Elle não queira
Darte desgosto;
Viva o teu rosto
Sem hum pezar.

LYRA IX.

Junto de hum freixo copado
 Com minha Jonia adorada ,
 Sobre a relva matizada
 Doces horas vou passar.
 Quem desfruta , o que eu desfruto ,
 Não tem mais a que aspirar.

Não vem ali bravas feras
 Dessas alpestres montanhas ,
 Só tu Amor acompanhas
 Nosso gosto singular.
 Quem desfruta , o que eu desfruto ,
 Não tem mais a que aspirar.

Naquelle sitio , sómente
 Aos prazeres consagrado ,
 Não entra inhumano Fado ,
 Nem desgosto chega a entrar.
 Quem desfruta , o que eu desfruto ,
 Não tem mais a que aspirar.

Ali , de hum manso regato
 Se escuta o susurro brando ,
 Como quem vai murmurando
 Do que nos vê praticar.
 Quem desfruta , o que eu desfruto ,
 Não tem mais a que aspirar.

Cantão ternos passarinhos
Nos altos ramos pousados,
E com suaves trinados
Vem nosso gosto augmentar.
Quem desfruta, o que eu desfruto,
Não tem mais a que aspirar.

Quando pégo n'alva mão
Onde a brancura admira,
Só o favonio respira
Naquelle ameno lugar.
Quem disfruta, o que eu disfruto,
Não tem mais a que aspirar.

As rosas em torno nascem
Da minha Jonia formosa;
Quando me deixa amorosa
Nos seus braços recostar.
Quem disfruta, o que eu desfruto,
Não tem mais a que aspirar.

Suas lindas, alvas faces,
S'eu lhe expresso algum desejo,
Logo cobertas de pejo
Mostrão a côr de nacár.
Quem desfruta, o que eu desfruto,
Não tem mais a que aspirar.

Bandos de gentís Amores,
Nas brancas azas suspensos,
Os nossos gostos intensos
Vem alegres contemplar.

Quem desfruta, o que eu desfruto,
Não tem mais a que aspirar.

Permitta Amor, que esta dita,
Qu'eu goso, e mais Jonia bella,
Assim em mim, como nella,
Nunca se chegue a acabar.

Quando estou com minha amada,
Mais não tenho a que aspirar.

LYRA X.

E Sses que dizem,
 Qu' Amor esfria,
 Se se desvia
 O terno amante,
 De quem quer bem

Nunca tiverão,
 Affirmo, e juro,
 Hum Amor puro;
 Nunca adorárão
 Firme a ninguem.

De mim o digo,
 O' Jonia linda!
 Que mais ainda
 Sinto inflammarse
 O meu Amor.

Quanto mais longe
 De ti me ausento,
 Mais violento
 Do fogo activo
 Sinto o ardor.

LYRA XI.

Que fará o meu bem , a minha Jonia ,
 Os meus lindos Amores ,
 Depois que os resplandores
 Dos seus olhos deixei , mais as campinas
 Das aureas , ricas Minas !

Inda o pranto , que ardente as faces réga ,
 Verterá por Aulindo ?
 Inda estará sentindo
 Aquelle vivo golpe activo , e forte ,
 Que quasi a poz á morte ?

Ah ! quem podéra agora meigo , eterno ;
 Apertala em meus braços ,
 Depois contar-lhe os passos
 Que já dei , desde a hora denegrida
 Da nossa despedida .

Dir-te-hia , sim meu bem , dir-te-hia o como
 Traspassado o meu peito ,
 Senti da dôr o effeito ,
 Quando nas mágoas , e transportes meos
 Te dei o ultimo adeos .

Quando nos longos espaçosos matos
 Por onde caminhava ,
 Por ti Jonia , chamava ,
 Contando áquellas feras , e avesinhas
 As tristes penas minhas.

Quando d' agreste , despenhada serra ,
 Que ardente sol batia ,
 Pelas pedras descia ,
 Te chegar doce bem , á suspirada ,
 Agradavel calçada.

Quando á Estrella cheguei , e em curvo barco
 Por negros governado ,
 Entrei no mar salgado ,
 E nas vélas soprando o vento frio ,
 Cheguei em fim ao Rio.

Minha querida , minha Jonia bella ,
 Que mágoa , que saudade ,
 Ao entrar na Cidade
 Não sentio a minha alma terna , e amante ,
 De ti , meu bem , distante.

Ah! se nos vãos do velóz desejo
 Pudéra ó Jonia! ir verte
 Que tinha que dizerte?
 Do que ausente soffri, ó minha cara!
 Que cousas não contára?

Porém a Sorte, que me leva errante
 Longe de ti, ó bella!
 Se agora me atropella,
 Virá tempo em que deixe inda juntar-nos,
 E felizmente amar-nos.

Então te contarei, quanto hei soffrido
 Distante de teu rosto;
 As penas, o desgosto,
 E a mágoa devorante, em que fluctua
 Esta alma, que he só tua.

LYRA XII.

E Scuta, Lulu meus votos
 No centro d' alma gerados,
 Eu tos envio, meu bem,
 Sobre as azas dos Vendados.

Voai alados Amores,
 Voai com toda a cautéla,
 Hide pôr meus ternos votos
 No seio da minha bella.

Deixai que mimosos pousem
 Entre os seus nevados peitos,
 Depois expressar-lhe ao vivo
 Quaes d' Amor sinto os effeitos.

Dizei-lhe Lulu gentil,
 Mais linda, que a luz do dia,
 Estes votos, que trazemos,
 O teu amado os envia.

Jura de morrer por ti,
 De só cumprir o teu gosto,
 Jura de firme até á morte
 Amar o teu lindo rosto.

Jura de fazer-te dona
 De tudo quanto elle tem;
 Só te pede em recompensa
 Que Lulu, lhe queiras bem.

Depois humildes beijai
 Os pés da minha adorada,
 E nos Zefiros ligeiros
 Buscai a minha morada.

Vinde dizerme se aceita
 Quanto lhe offerto amoroso.
 Amores vinde depressa
 Por vós espero ancioso.

LYRA XIII.

JOnia, que alegre arrastrava
 As cadéas do Vendado,
 Só por ter hum leve enfado
 Em pedaços as quebrou.
 Pobre Amor! Cupido exclama,
 Teu poder já se acabou.

Vendo Amor hum tal insulto
 A's suas cadéas feito,
 Não pôde conter no peito
 A raiva que se ateou.
 Pobre Amor! Cupido exclama,
 Teu poder já se acabou.

Para onde Venus morava
 Bate as azas, vôa, corre.
 Tu minha Mãi me soccorre,
 Chorando Amor lhe bradou.
 Pobre Amor! Cupido exclama,
 Teu poder já se acabou.

Aqui tens ao teu Cupido
 Sem poder, força, ou valor;
 Jonia escarneceo de Amor,
 Das minhas setas zombou.
 Pobre Amor! Cupido exclama,
 Teu poder já se acabou.

A Mãe o toma nos braços ,
 Beija-lhe a face mimosa ,
 E a tenra mão , carinhosa
 Entre as suas lhe apertou.
 Pobre Amor ! Cupido exclama ,
 Teu poder já se acabou.

Tenho Menino não chores ,
 Lhe disse Venus sorrindo ,
 He vergonha estar carpindo
 Quem sobre Jove imperou.
 Pobre Amor ! Cupido exclama ,
 Teu poder já se acabou.

Toma esta seta de oiro
 Pela minha mão hervada ,
 E renderás sem mais nada
 Essa que te despresou.
 Pobre Amor ! Cupido exclama ,
 Teu poder já se acabou.

Péga Amor na seta , e vòa ,
 Chega e avista Jônia bella ,
 Curva o arco , e acerta nella
 A seta , que disparou.
 Pobre Amor ! Cupido exclama ,
 Teu poder já se acabou.

Suspira Jonia anciada
 Sem saber que tem no peito,
 Fica Amor mui satisfeito,
 Do estrago que causou.
 Canta Amor! Cupido exclama,
 Que Jonia já se entregou.

Jonia conhece ao tyranno,
 A seta arrancar não póde,
 Cruel Amor, tu me acode,
 Afflicta lhe bradou.
 Canta Amor! Cupido exclama,
 Que Jonia já se entregou.

Amor sem querer ouvir
 De Jonia suas desgraças,
 Foi á Mãe render as graças,
 Bateo as azas vôou.
 Rio-se Amor, por que de Jonia
 Victorioso ficou.

*Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor
Bernardo José de Lorena.*

CANCONETA. I.

A Sombra de hum alto freixo,
Quando o Sol cresta as boninas,
Almêno a sesta passava
Em huma selva de Minas.

Seu gado junto de hum rio,
Que mansamente corria,
Por entre frescos arbustos
Hum brincava outro dormia.

Pelas folhinhas dos ramos
Brandos zefiros trepavão,
E suaves dormideiras
Sobre o Pastor espalhavão.

Morfeu, que escondido estava
Entre o seu cabelo loiro,
Pouco, e pouco lhe estendia,
As suas algemas de oiro.

Té que sobre a relva molle
 Na dextra mão encostado,
 Huma aura doce o prendeu
 Em que ficou sepultado.

Lédos sonhos voadores
 Junto ao rosto lhe adejárao,
 E lindos paineis brilhantes
 Na idea lhe pintárao.

Então sua fantezia
 Batendo as azas de fogo,
 A bella por quem suspiro
 Presente lhe trouxe logo.

Elle vio a sua Jonia
 Ir após do manso gado,
 Duas brancas ovelhinhas
 Levando junto a seu lado.

Estas ovelhas, que estimo,
 Como estimo o claro dia,
 São para o meu doce Almêno,
 A pastora assim dizia.

Eu lhe apanho a branda relva
 Pela minha propria mão,
 Descanção no meu regaço,
 De mim sempre junto estão.

Mil vezes já me tem dito,
 Quando está no meu casal,
 Que ama, e respeita em extremo,
 Ao nosso Maioral.

As virtudes, e as Graças,
 Ornarão tanto a Lorena,
 Que me he tão grato, dizia,
 Como a tua face amena.

Estas ovelhas, que imitão
 A alvura da branca neve,
 Talvez, qu'em sinal de affecto
 O meu Almêno lhe leve.

De varias cheirosas flores
 Huma capella virente,
 Ali guardo preparada,
 Para lhe elle ornar a frente.

Tomara que já crescessem
 Os medronhos rubinsados,
 E os roxos muscateis
 Estivessem sasonados.

Estes sestinhos de juncos,
 Que ornão pintados Amores,
 Almêno os levára cheios
 Todos cobertos de flores.

Fu bem sei que nada valem
 Nossos rusticos presentes,
 Mas sua alma bem conhece,
 Que são brindes innocentes.

Se dar-lhe todo o meu gado
 O meu Almêno quizera,
 Como dou estas ovelhas
 De boamente lho déra.

S'eu vira, que o meu Almêno
 Deixava de ser Pastor,
 E que n'umas ricas minas
 Dominava, era o Senhor

Qu'em cintados cofres tinha
 Guardadas pedras brilhantes,
 Braçados de barras de oiro,
 Mãos cheas de diamantes

Tudo, Almêno, tu lhe deras,
 Qu'eu sei o teu coração,
 Mas que hade ser s'inda tens
 De Pastor a condição.

Pelo affecto que te guarda
 Esta alma de que és Senhor,
 Vai, meu Almêno, vai dar-lhe
 As prendas do meu amor.

Da-lhe as brancas ovelhinhas,
 Da-lhe a capella tambem
 Mas, que Menino gentil
 Para aqui andando vem?

As loiras, compridas tranças
 De rosas tras ennastradas,
 Nas suas faces de neve
 Vem as papoilas pintadas.

Lá no hombro lhe deviso
 Aurea aljava, estar pendente;
 Acaso será Cupido?
 Esse Deos que fere a gente?

Que fazes aqui Menino
 Tão só por entre estas brenhas?
 Não teres que de hirtas feras
 Tu pasto a ser lhe venhas?

Não temo Amor lhe tornou:
 Nas armas que vez comigo,
 De quem quizer offender-me
 Eu trago pronto o castigo.

Minha Mãi que em Chipre mora,
 Como tu, formosa, e bella,
 Te manda por mim dizer,
 Que Lorena, he cousa d'ella.

Junto ás aras qu'ella occupa
Do Prazer no templo ameno,
Prata, oiro, diamantes,
Qu'ella tem, diras a Almêno.

Que Lorena, tem húma alma
De regio sangue animada,
E que de humildes Pastores
Estima o amor, mais nada.

Essas brancas ovelhinhas,
Que para Almêno destinás,
Venus, manda que as não leve
Ao Maioral de Minas.

De teu affecto extremoso,
Que as guarde sempre em penhor.
Dir-lhe-has Pastora, de qu'esta
Foi a vontade de Amor.

F logo as azas batendo
Nos leves ares subia,
Em tanto Almêno gritava
Vendo que Amor lhe fugia.

Suspende, Jonia adorada,
Suspende, detém Amor
E neste bradar afflicto
Acorda o pobre Pastor.

Olha a hum, e a outro lado
Mede a solitaria selva,
E a penas vê seu rebanho
Pastando, na branda relva.

Neste sonho, que a idéa
Lhe pintava verdadeiro,
Conheceo Almêno, que
Nem dormindo, há gosto inteiro.

Ao mesmo.

CANCONETA. II.

N As frescas margens de hum rio,
Ao brando som da corrente,
Huma tropa de Vendados
Dormia tranquillamente.

Os filtros, às rijas setas,
Os farpões, os arcos duros,
No tronco de huma azenheira
Tinhão deixado seguros.

Da Manhãa na linda face
Já beijado a tinha o dia,
Quando em suaves algemas
Ainda o Somno os prendia.

Gelia, que acaso seu gado
Mais cedo a beber levou,
Por entre huns altos olmeiros
Sobre a relva os avistou.

Por huma occulta vareda
De verdes murtas recida,
Qual ladrão sutil, e astuto,
Foi hindo Gelia escondida.

Chega ao lugar onde incautos
Estão dormindo os Vendados,
Ecuccintamente indaga,
Se estão ou não acordados.

A hum, e hum observa
No lugar em que exestião,
E vio com toda a certesa
Que a sono solto dormião.

Logo da estreita sintura
Rubra faxa desatou,
E dividindo a em pedaços
De mãos, e pés os ligou.

Sobre as vendas que trasião,
Outras novas vendas ata,
E do annoso tronco, as armas
Subtilmente lhe arreбата

Pela escondida vareda
Outravez volta appressada,
Cruéis Amores, disendo,
Já de vós estou vingada.

Estes farpões desomanos
 Qu' hoje cheguei a obtelos,
 Nunca mais motivarão
 O inferno de meus zellos.

Mais não temo que Lorena
 Da sua Gelia se esqueça,
 Se d' Amor eu tenho as setas,
 Que póde haver que me empeça.

O meu Lorena querido,
 Será só meu, de hoje em dia,
 Terei nelle o meu thesoiro,
 A minha doce alegria.

Já agora as minhas rivaes
 Menão roubarão meu bem,
 Os Amores estão presos,
 As duras setas não tem.

Impios Brontes, que forjasteis
 Estes ferros passadores,
 Se já tendes outros prontos
 Vinde soltar os Amores.

Junto da quelles olmeiros
 Os deixei manietados,
 Bem como tenros novilhos
 Que háode ser sacrificados.

De pés, e mãos os preendi,
 Novas vendas lhe amarrei,
 E estas hervadas setas
 De junto delles roubei.

Ao meu Lorena adorado
 Não receio de o perder,
 Quanto fere os corações
 Gelia tem em seu poder.

Estes farpões, estes arcos,
 Que opprimindo vão meus braços,
 Cedo terei o prazer
 De os ver feitos em pedaços.

Naquella vargem florida
 Onde vejo andar meu gado,
 Deixarei dos ímpios Numes
 Seu imperio destroçado.

Assim dizendo hia Gelia
 Por entre a balça sombria,
 Sem lembrança, que seus passos
 Quem detivesse, haveria.

Eis que lhe sahe ao encontro
 Lorena, acceso em furor,
 E lhe diz quem assim obra
 Não sabe que cousa he Amor.

Larga , Gelia , larga as setas
 Dos pobres , tristes Vendados ;
 Que negros crimes fizerão ?
 Em que te forão culpados ?

Se tens entranhas de ferro ,
 De pedra , ou de rocha dura ;
 Vai , Gelia , ser companheira
 Das feras dessa espessura .

Mas se dentro no teu peito
 Terno coração te anima ;
 Põem de parte as crueldades ,
 Fazer bem sómente estima .

Inda bem estas palavras
 Hia Lorena acabando ,
 Das mãos as armas lhe toma ;
 Gelia fica suspirando .

A' pressa Lorena segue
 Para onde estão os Amores ,
 E quanto mais se chegava ,
 Mais ouvia os seus clamores .

Ternos ais , gritos sentidos ,
 Cruzando os ares coalhavão ,
 Por todo aquelle contorno
 Tristes lamentos soavão ,

Huns rollando pela terra,
 Outros quietos exestião,
 Outros já quasi affogados
 Dentro do rio jazião.

Lorena corre apressado,
 Bota-se a nado á corrente,
 E aos que estavam em perigo
 Vai soccorrer diligente.

Dos Amores carregado
 Livre na praia abordou,
 Como Eneas quando Anchises,
 Da Teucra patria livrou.

Socegai lindos Frecheiros,
 Lorena vos auxelia,
 Em paz vivireis seguros
 Na vossa antiga alegria.

Estas prisões que sentis
 Nos roxos pulsos ligadas,
 Pelas minhas proprias mãos
 Vos vão a ser desatadas.

E logo sem mais demora,
 De mãos, e pés os desata,
 E de tirar-lhes as vendas
 Cuidadosamente trata.

Os duros nós examina
 De huma, e d'outra parte os vira,
 Té que nas vendas de Gelia,
 As proprias vendas lhe tira.

Gelia, que escondida estava,
 Derepente hum grito deu....
 Meu Lorona, tu que fazes?...
 Ah! que a culpada sou eu!

Fugi, evitai homanos
 As crueis setas fataes,
 Já qu'eu evitar não posso
 De ter zelos, e rivaes.

Se os Vendados até agora
 Tanto mal causado tem,
 Que farão d' hoje em diante
 Que já tem olhos, já vem.

QUINTILHAS.

CAnta o Pastor namorado
 Da Pastora os olhos bellos ,
 Canta-lhe o rosto nevado ,
 Os longos pretos cabellos
 Onde amor anda enredado.

Sobre a borda do saveiro ,
 Canta o terno Pescador
 Os grilhões do cativeiro ,
 Bendisendo ao Deos d' Amor
 Por se ver presioneiro.

Sua linda , ao som da lyra
 Canta o soldado na guerra ;
 Ora geme , ora suspira ;
 Nunca lhe esquecendo a terra ,
 E a ultima vez que a vira.

Eu tambem dentro em mim sinto
 Igual fervida paixão ;
 Dos mais eu não sou destinto ;
 Do meu bem a perfeição
 Mil vezes na idéa pinto.

Amor, a tudo avassalla;
 Ninguem d'elle vive isento;
 Alguem ha que sofre, e calla;
 Porém o seu fogo lento
 Tudo mina, a tudo igualla.

Ao Rei no throno sentado,
 No inculto monte ao serrano,
 A todos fere o Vendado;
 Ninguem se isenta do damno,
 Que faz o farpão doirado.

Achiles com peito de aço
 He sensivel a ternura;
 De Rei Latino no paço
 O Teucro Heróe, por ventura
 D' Amor não cahio no laço?

Alexandre ostenta forte
 Não ver de Dario as filhas,
 Mas depois segue outro norte;
 Entre as amantes quadrilhas
 Tu o vais pilhar, ó morte.

De Carthago o vencedor
 Tambem sente a chama activa;
 Perdido todo o valor,
 A' vista de huma cativa
 Chora nos ferros de Amor.

Quem levou Elena a Troya?
 Deo a Lucrecia o punhal?
 Quem urdio a vil tramoia
 Com que no Uruguay fatal
 Morreo a gentil Lindoia?

Quem a Cleoptra envia
 Do throno ao cáos profundo?
 Leva Dido á campá fria?
 Quem affamada no mundo
 Fez a lusitana Osmia?

Só tu és, Idalio Nume,
 A causa destes effeitos:
 Ninguem livre se presume;
 Tu pões em todos os peitos
 Teu activo, ardente lume.

Jonia, a minha Jonia bella,
 Me faz sentir igual chama;
 O seu amor me desvela;
 Venturoso aquelle que ama
 S' he correspondido d'eilla.

No meu coração cravada
 Tem Amor a seta dura,
 Mas não he invenenada;
 He seta, que com ternura
 Sempre foi por mim beijada.

S' he erro, Jonia, adorar-te.
 A natureza o protege;
 Quem sensura nesta parte,
 Talvez seja por que enveja
 Eu ser feliz, em amar-te.

Que querem de mim qu'eu faça
 Vendo teu rosto divino?
 Tudo, Jonia, tudo enlaça,
 Tudo prende o Deos Menino
 A' vista da tua graça.

Se aquelles guerreiros fortes,
 Perdido o marcio furor,
 Mudarão seus duros portes . . . -
 Se no dominio de Amor,
 Sentirão doces transportes

Se aos mesmos Padres conscriptos
 A gentil Verginia inflama;
 S' em Florença aos patrios gritos
 Sacrifica Laura a fama,
 Sem temer da crise os ditos

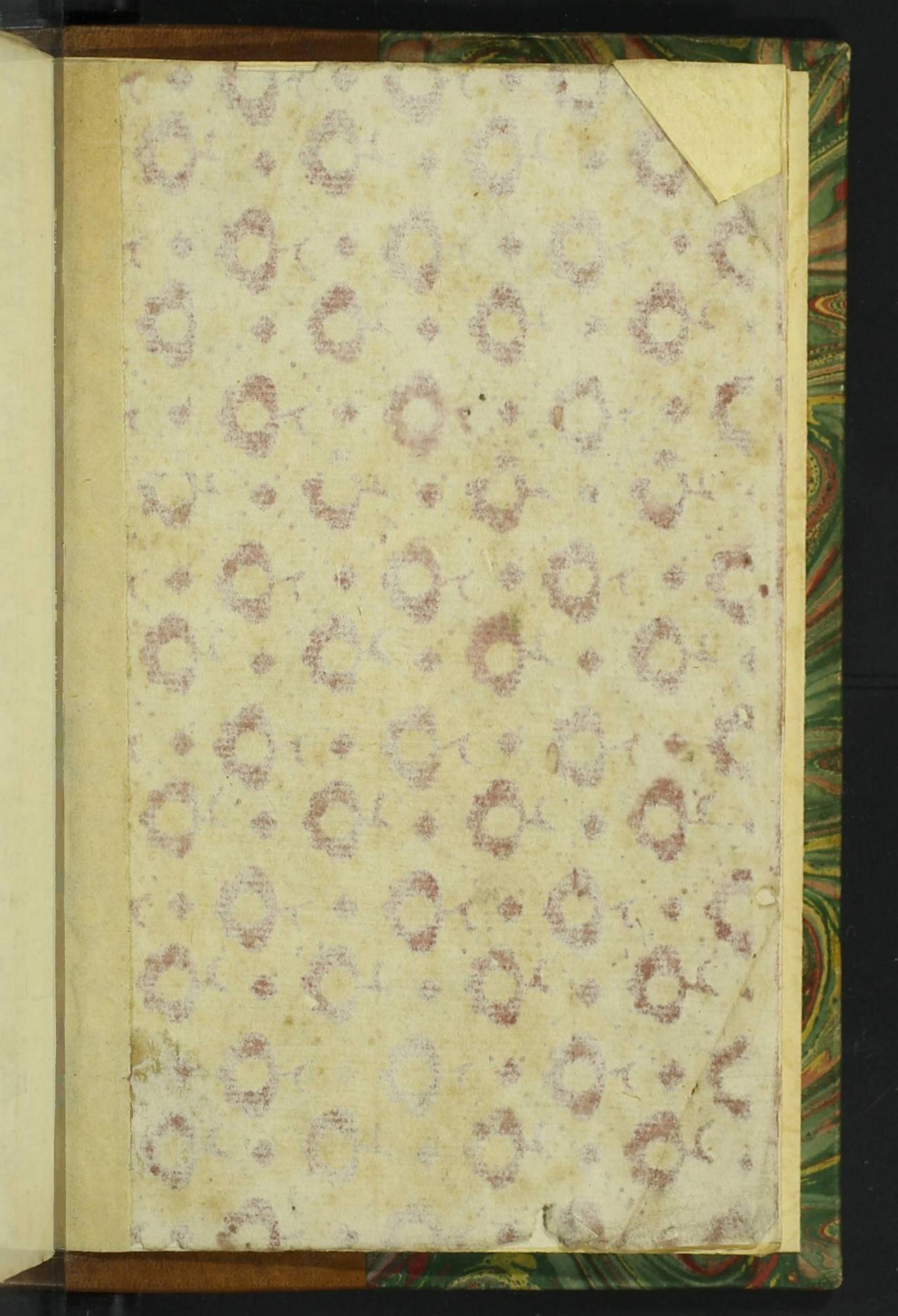
Fale o mundo o que quizer
 Heide amar-te, Jonia linda;
 O Deos Pafio assim o quer;
 Té agora ninguem ainda
 Resistio ao seu poder.

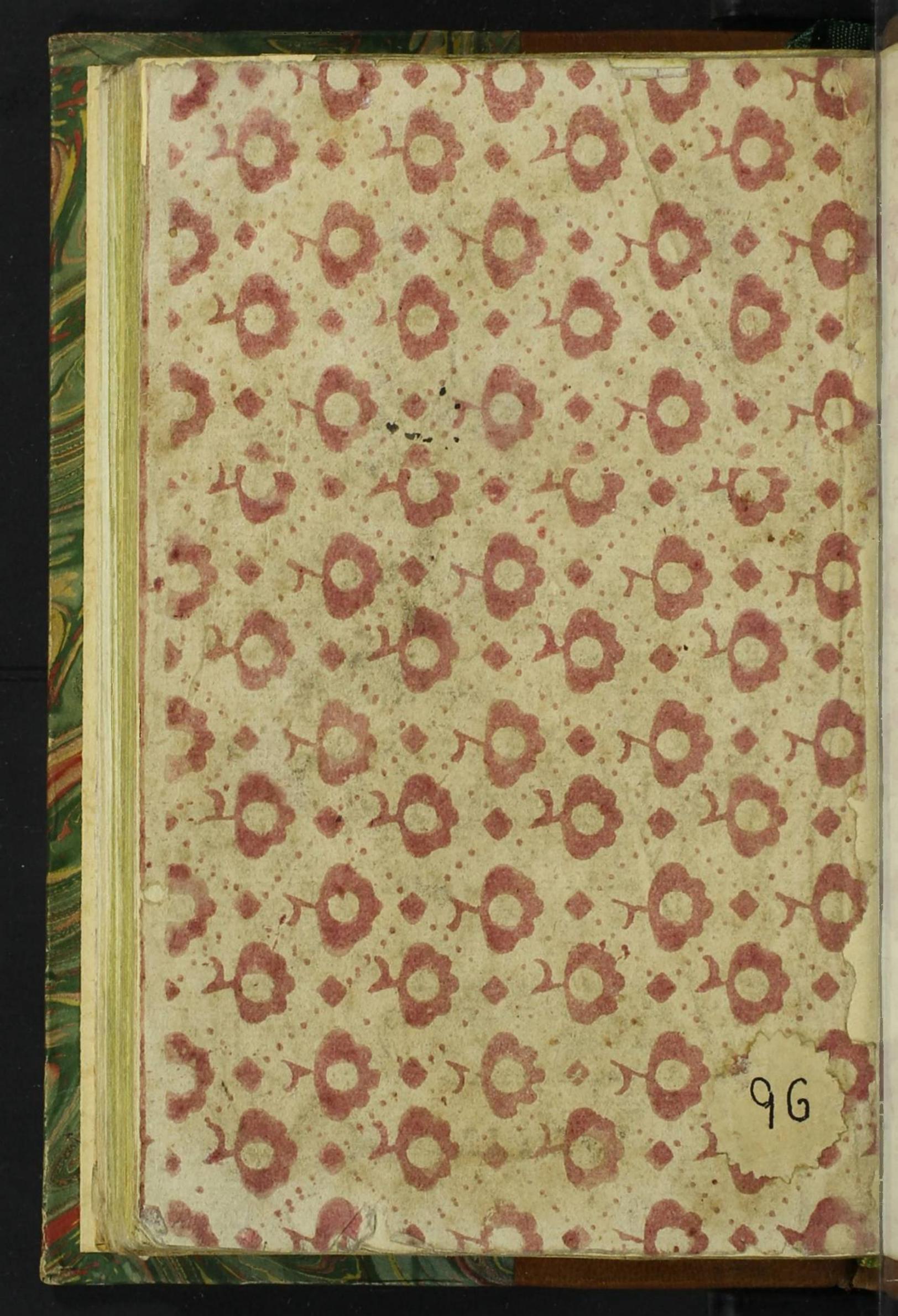
—

7

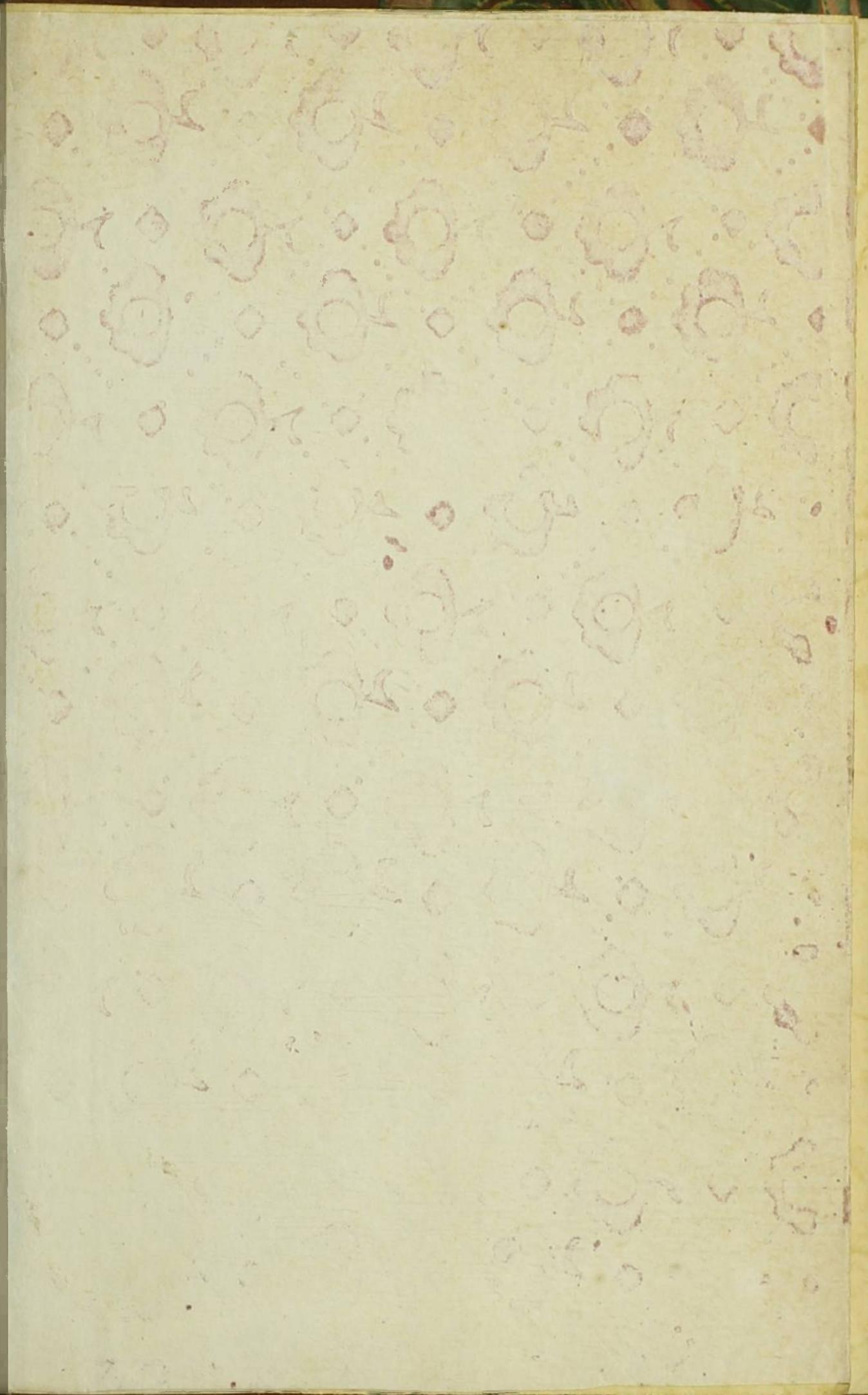
EXVI

M I M





96



17479

